



MARIA QUEROBINA DA SILVA NETA
“SOU UMA MULHER PRATICAMENTE LIVRE”

© PNCSA, 2018

Editor

Alfredo Wagner Berno de Almeida
UEA/ PPGCSPA-UEMA, pesquisador
CNPq

Entrevistas

Helciane de Fátima Abreu Araujo
Jurandir Santos Novaes

Compilação de dados

Helciane de Fátima Abreu Araujo
Arydimar Vasconcelos Gaioso
Mariana Leal Conceição Nóbrega
Poliana de Sousa Nascimento

Capa

Maria Querobina Silva Neta
mostrando fotos do acervo do
Centro de Ciências e Saberes
Museu Casa Branca, Setembro
2015.

Coordenação das atividades de pesquisa

Helciane de Fátima Abreu Araujo e
Jurandir Santos Novaes

Revisão

Marcos Alan Costa Farias

Transcrição de áudios

Simone Moreira
Rodrigo Martins
Silnério Silva
Aldy Mary Ilário
Emanuelle Nascimento
Julyana Ketlen
Deborah Arruda Serra

Projeto gráfico e diagramação

Philippe Teixeira

“CARTOGRAFIA SOCIAL COMO ESTRATÉGIA DE FORTALECIMENTO DO ENSINO E DA PESQUISA ACADÊMICA: Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia e Projeto Mapeamento da Região Ecológica do Babaçu”. Fundação Ford/UEMA.

Ficha Catalográfica

S586s Silva Neta, Maria Querobina

“Sou uma mulher praticamente livre”/ Alfredo Wagner Berno
de Almeida (ed.). – Rio de Janeiro : Casa 8, 2018.

100 p. : il. ; 27 cm. (Narrativas das Quebradeiras de Côco Babaçu;
n.1)

ISBN 978-85-99274-55-2

1. Quilombolas 2. Conhecimentos tradicionais.
3. Quebradeiras de coco. 4. Babaçu. I. Título. II. Almeida,
Alfredo Wagner Berno de.

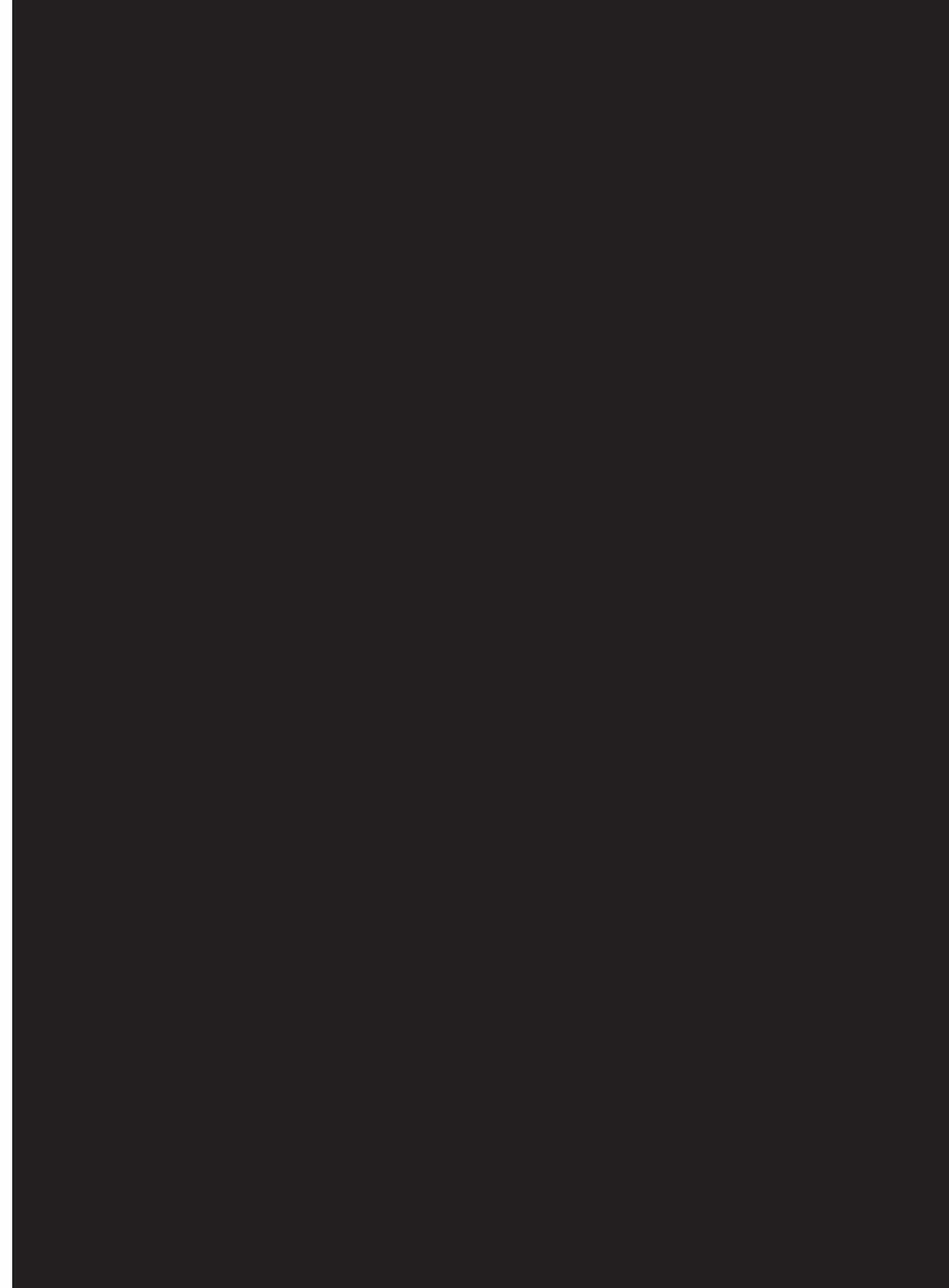
CDU 316.35:394

(Elaborada por: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

UEA - Edifício Professor
Samuel Benchimol
Rua Leonardo Malcher, 1728
Centro - Manaus, AM
Cep.: 69.010-170

E-mails:
pncaa.uea@gmail.com
pnca.ufam@yahoo.com.br
www.novacartografiasocial.com
Fone: (92) 3878-4412
(92) 3232-8423

UEMA- Endereço: Largo
Cidade Universitária Paulo
VI, 3801 - Tirirical, São
Luís - MA, 65055-000
Fone:(98) 3244-0915



Conselho Editorial

Otávio Velho – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Dina Picotti – Universidad Nacional de General Sarmiento, Argentina

Henri Acselrad – IPPUR-UFRJ, Brasil

Charles Hale – University of Texas at Austin, Estados Unidos

João Pacheco de Oliveira – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Rosa Elizabeth Acevedo Marin – NAEA/UFPA, Brasil

José Sérgio Leite Lopes – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Aurélio Vianna – Fundação Ford, Brasil

Sérgio Costa – LAI FU – Berlim, Alemanha

Alfredo Wagner Berno de Almeida – CESTU/UEA, Brasil.

Conselho Científico

Ana Pizarro – Professora do Doutorado em Estudos Americanos Instituto de Estudios Avanzados – Universidad de Santiago de Chile

Claudia Patricia Puerta Silva – Professora Associada – Departamento de Antropologia – Facultad de Ciencias Sociales y Humanas – Universidad de Antioquia

Zulay Poggi – Professora do centro de Estudios de Desarrollo – CENDES – Universidad Central de Venezuela

Maria Backhouse – Professora de Sociologia – Institut für Soziologie – Friedrich Schiller-Universität Jena

Germán Palacios – Professor Titular – Universidad Nacional de Colombia, Sede Amazonia – Honorary fellow, University of Wisconsin-Madison

Roberto Malighetti – Professor de Antropologia Cultural – Departamento de Ciências Humanas e Educação “R. Massa” – Università degli Studi de Milano-Bibocca

SUMÁRIO

Apresentação da Coleção	07
<i>Alfredo Wagner Berno de Almeida</i>	
PREFÁCIO	11
<i>Helciane de Fátima Abreu Araújo</i>	
PARTE I	19
CAPÍTULO I	21
Interpretando as origens: a trajetória do grupo familiar	
Nunca fui moça passadeira	22
Eles viram em consequência da seca	23
Família esbagaçada	23
Casa que tinha fartura	25
A chegada da pecuária foi uma coisa violenta: a época que mais se esbagaçou gente	26
CAPÍTULO II	28
Casamentos e filhos	
No dia que eu nasci, nesse dia o vento ventou com vergonha	28
CAPÍTULO III	29
Deslocamento do Grupo familiar para Imperatriz	
A minha vida ficou muito mais fortalecida	29
Sempre fui igrejeira, rezadeira	30
Da missão religiosa à militância sindical	30
Por que o sindicato não associava mulher	31
O trabalhador tinha que se agrupar e se organizar para reivindicar os seus direitos	32
CAPÍTULO IV	35
Múltiplos lugares de formação de trabalhadores	
Começamos a organizar tanto a questão da tomada do Sindicato, quanto da ocupação de terra	35
Comissão da Mulher: na hora das coisas eu servia de isca	36
Daí eu comecei a ver uma coisa muito longe	37
Fabricar liderança não é fácil	38
Ocupação: coisa assustadora e violenta	39
CAPÍTULO V	41
Mulheres no movimento sindical	
Eu era praticamente uma mulher livre	41
Quebradeiras: Movimento não tem rabo preso	42
Construção dos Assentamentos: época de muita violência	45
Vila Conceição: falta de uma política de assentamento	47
CAPÍTULO VI	49
Centro dos Saberes Casa Branca	
PARTE II	51
BRIGA DE UM TOSTÃO CONTRA UM MILHÃO	
CAPÍTULO VII	55
Os impactos da “Suzano Papel e Celulose” sobre a vida dos povos e comunidades tradicionais do oeste do Maranhão	

CAPÍTULO VIII	59
Desenvolvimento sustentável e a cooptação de movimento organizado	
O que deu suporte para aquele povo foi o babaçu	61
Reviravolta nos movimentos: quem quiser sobreviver, tem que se juntar. É negro, é índio, é quilombola, é quebradeira...	63
CAPÍTULO IX	65
Cartografia: o mapa é um retrato falado	
Estratégias da Empresa Suzano: imobilização política	66
Derrubada do babaçu nos assentamentos	69
Monocultura do Eucalipto afeta práticas terapêuticas tradicionais	70
CAPÍTULO X	71
Luta de um tostão contra um milhão: é uma muita pouca família que produz para comer	
CAPÍTULO XI	77
Estrada do Arroz: estratégia empresarial para apresentar projetos sociais	
Sindicato sofreu vários embates: começando tudo de novo	78
O que mobiliza alguma coisa é a esperança	80
Nós temos que lutar por uma autonomia, vamos buscar outros parceiros	82
A emboscada que matou Luís Preto	84
POSFÁCIO	85
É a esperança	
<i>Jurandir Santos de Novaes</i>	
CADERNO DE FOTOGRAFIAS COMENTADO	91

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

“NARRATIVAS DAS QUEBRADEIRAS DE CÔCO BABAÇU”

Alfredo Wagner Berno de Almeida¹

A Coleção ora apresentada, soma-se ao esforço classificatório de pesquisadores do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) e pesquisadores convidados no sentido de compor diversas coleções de livros em que membros de diferentes unidades sociais, designadas como povos e comunidades tradicionais, descrevem eles mesmos suas próprias experiências de luta, em situações de conflito social, nas quais reivindicam seus direitos territoriais e suas expressões identitárias. Consistem em relatos, obtidos através de entrevistas realizadas com membros de comunidades tradicionais, que detêm critérios de competência e saber para descrever a trajetória de sua respectiva unidade social. Os trabalhos de mais de três décadas dos pesquisadores do PNCSA em comunidades de quebraadeiras de coco babaçu facultaram condições de confiabilidade mútua para a obtenção de narrativas mais detidas e aprofundadas. Os pesquisadores lançaram mão de técnicas de observação direta, características da pesquisa etnográfica, e de recursos intrínsecos às histórias de vida, obtendo relatos que não só nos convidam a novas formas de pensar as relações políticas e os laços de solidariedade que fundamentam identidades coletivas, mas também a própria noção de política. A utilização de recursos fotográficos também faz parte dos instrumentos de pesquisa. Neste sentido pode-se asseverar que esta coleção faz par com aquela concernente às Narrativas Quilombolas, daí o texto de apresentação ser praticamente o mesmo.

O livro que abre esta coleção concerne à história de vida de Dona Maria Querubina da Silva Neta, de Imperatriz, Estado do Maranhão. O segundo volume apresentado refere-se às narrativas de Dona Cledeneuza Maria Bizerra Oliveira, de São João do Araguaia, Estado do Pará. Os livros que compõem esta coleção se inscrevem num gênero literário peculiar, concernente às

1. Antropólogo. Professor da UEMA e da UEA. Pesquisador CNPq

denominadas narrativas de quebradeiras de coco babaçu, que privilegia o uso da palavra através da linguagem autorizada e direta dos agentes sociais assim designados, expressando condições de eficácia de um discurso ritual, que tanto propicia meios para uma leitura crítica dos significados de tradicional, quanto estabelece uma clivagem nas interpretações históricas a ele referidas.

A posse efetiva das terras pelas quebradeiras de coco babaçu e suas unidades familiares, torna-as um marco distintivo da autonomia de seus povoados, porque representa a evidência, quando também, se trata de quilombolas, de que os antigos engenhos e fazendas não têm mais condições de possibilidades de efetivamente existirem, ao mesmo tempo que comprova a eficácia na gestão dos recursos das famílias que aí decidiram ficar. A forma esquelética do que foram as edificações elementares das fazendas, publicamente exposta e constatável por uma arqueologia de superfície, sem qualquer necessidade de escavação, concorre para atestar isso. Lado a lado com a vida cotidiana das comunidades, essas ossaturas dos engenhos e fazendas de gado certificam o longo tempo de existência delas. A datação das ruínas dos engenhos e dos sobrados aqui equivale ao reconhecimento da “idade” das comunidades remanescentes de quilombos e consiste no correspondente ideal de sua certidão de nascimento. Os empreendimentos dos agronegócios que hoje se expandem por esta região ecológica dos babaçuais, desmatam para plantar eucalipto, para fazer carvão, para implantar pastagens artificiais e realizar plantio de soja. Nas próprias narrativas de Dona Cledeneuza, tal como sucede com aquela de Dona Nice, que integra também a “Coleção Narrativas Quilombolas”, a identidade coletiva de quebradeira de coco babaçu se afirma num processo de negação destes seus antagonistas históricos, cujas unidades de produção estão apoiadas na concentração fundiária, na imobilização da força de trabalho - análoga à condição de escravo - e numa economia agrário-exportadora.

A maior parte dos mais de 25 milhões de hectares correspondentes aos babaçuais, distribuídos pelos Estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí até hoje não foram titulados e permanecem intrusados por cercas eletrificadas e por rebanhos bovinos e bubalinos, que devastam os campos naturais da Baixada ou que destroem plantios de mandioca e arroz, e pela ação de grileiros. As Reservas Extrativistas do Ciriaco, do Extremo Norte e da Mata Grande prosseguem sem regularização fundiária e sem uma demarcação definitiva do perímetro, evidenciando o clima de tensão social a que estão submetidas as unidades familiares das quebradeiras de coco babaçu. Dona Querobina testemunha os desmatamentos pelas empresas agropecuárias, pelas obras de

infraestrutura (rodovia, ferrovia, hidrelétricas), na luta contra as grilagens e os deslocamentos compulsórios, bem como contra o expansionismo dos agronegócios, destacando-se os plantios de eucalipto de empresas de papel e celulose, antes a CELMAR, agora a Suzano. Testemunha também os atos de violência praticados contra trabalhadores rurais, quebradeiras de côco babaçu, indígenas e quilombolas, numa presença marcante enquanto liderança inteiramente afinada com dispositivos constitucionais e com a Convenção 169 da OIT. Fala, portanto, a partir de uma ação direta nas ocorrências de conflito, descrevendo o quadro trágico a partir do próprio testemunho, como diria G.Agambem, ou seja, para além do depoimento e da entrevista, compondo uma modalidade discursiva que é fala e é ato, que é argumento e ação, que é concomitantemente reflexão e prática vívida e sem mediações.

O convite à leitura dos livros desta coleção passa, portanto, por estes componentes trágicos e de testemunho, que evidenciam a dubiedade dos atos de Estado, que procrastinam a titulação das terras das quebradeiras de coco babaçu, expondo as comunidades à violência dos que visam usurpar suas terras e conspurcar seus direitos territoriais.



PREFÁCIO

Todas as vezes que eu me desloco para a cidade de Imperatriz - situada a cerca de 600 quilômetros da ilha de São Luís, onde resido - com o intuito de dar continuidade a estudos iniciados em 1999, inevitavelmente eu me recordo do meu primeiro encontro com Maria Querobina da Silva Neta. À época, enquanto aluna do curso de mestrado em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão, eu iniciava nova trajetória de pesquisa que me pôs em contato com o universo das chamadas lideranças das mulheres quebradeiras de coco babaçu. Eu compunha a equipe de trabalho que resultou na publicação do livro “**Economia do Babaçu**: levantamento preliminar de dados”, organizado pelo antropólogo Alfredo Wagner. Eu nunca esqueço o grito de saudação da Querobina do lado de fora do ônibus, onde eu me encontrava, meio que perdida no espaço, grito que me despertou do sono mal dormido na noite, lançando-me para o mundo até então encoberto por florestas de palmeiras, os vastos palmeirais que curiosamente observei no trajeto da viagem. Muito me impressionou o semblante daquela mulher de voz firme, gestos determinados e sorriso largo, seguido de gargalhadas, ao mesmo tempo altiva, meio que reclamando do atraso da equipe de pesquisa. O trabalho programado já estava atrasado em demnasia. E tem sido assim, ao longo desses anos. Sempre que eu chego, o trabalho já está atrasado, porque Querobina tem pressa e como boa agente de pesquisa está sempre pronta para tão logo executar o trabalho de campo.

Quando fui designada pelo Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia e pelo Projeto “Mapeamento da Região Ecológica do Babaçu”, para auxiliar na produção de mais uma edição da coleção “Narrativa das Quebradeiras de Coco Babaçu”, em que Querobina interpreta suas trajetórias de vida, mais uma vez senti que a pesquisa me colocou em contato com universos ainda desconhecidos, para além das palmeiras de babaçu ou no interstício delas.

Como espécie de marca da nossa relação de pesquisa, o livro não ficou pronto no prazo, porque o trabalho foi entrecortado, por diversos momentos,

já que nem eu e nem a autora estávamos liberadas das tarefas do cotidiano para nos dedicar ao projeto. Deparei-me, no entanto, com outra Querobina, serena e paciente, ciente de que o tempo é uma construção social e que um livro, assim como a pesquisa, não é uma coisa que se faça em uma assentada, como bem disse um dia o sociólogo Pierre Bourdieu.

Foram vários encontros para esse propósito, quando tive a oportunidade de conhecer um pouco do cotidiano da família Querobina, tentando entender o traçado da múltipla posição de fala da narrativa aqui construída. Querobina interpreta suas trajetórias enquanto dirigente do STTR de Imperatriz, onde atua como diretora da Secretaria de Formação, Organização Sindical e Mulheres Trabalhadoras de Imperatriz; enquanto integrante do MIQCB, movimento que participa desde a sua formação; enquanto liderança de uma área de assentamento, a Vila Conceição; e enquanto coordenadora de um centro de saber, o museu-vivo Casa Branca.

Concomitante a esses encontros, acompanhei a atuação de Querobina no trabalho de campo e nas oficinas de mapas dos Projetos “Mapeamento Social como instrumento de gestão territorial contra desmatamento e a devastação: processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais” (2013-2014), “Mapeamento da Região Ecológica do Babaçu” (2015-2018), “Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central” (2016-2018) e Centro de Ciências Saberes: Experiências de Criação de “Museus Vivos” na afirmação de saberes e fazeres representativos dos povos e comunidades tradicionais. Outros momentos importantes de fala foram as participações em eventos organizados pelo Projeto Nova Cartografia Social e pelo Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, tal como o Encontro de pesquisadores e movimentos sociais do Projeto Cartografia Social dos Babaçuais”, realizado nos dias 16 e 17 de Julho de 2015, na cidade de Teresina – PI, e em eventos nacionais, como a 64ª Reunião da SBPC, na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís - MA.

A relação de pesquisa, construída ao longo desses tempos, me pôs em contato com Querobina em suas ações nas formas representativas de organização política dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e quebradeiras de coco babaçu da microrregião de Imperatriz. Mas, na medida em que o trabalho avançou, outras Querobinas se apresentaram no âmbito familiar ou no cotidiano da vida comunitária, quando as subjetividades parecem falar mais alto. Exercitando sempre a reflexividade reflexa, como é de seu estilo, Querobina nos fala dos deslocamentos da família e dos enfrentamentos

de sua condição feminina que a tornaram “uma mulher praticamente livre”, arrancando-a da vida atomizada para a luta coletiva. Sua fala crítica transcende a uma autobiografia.

Com algumas semelhanças à narrativa da liderança camponesa Manoel da Conceição, este livro reúne as representações de uma liderança camponesa que se desloca da missão religiosa para a militância política sindical, com as especificidades de ser mulher. Tal como o anjo Querubim descrito pela poetisa Rosana Murray, em suas trajetórias, Querobina inventou muitos jardins, ultrapassou fronteiras, atuou como mensageira em suas lutas por justiça e hoje é uma referência do seu grupo familiar, formado pelas quatro filhas: Delity Querobina da Silva Santos, Eli Querobina da Silva Santos, Necy Querobina da Silva Santos e Antônia Querobina da Silva; pelos netos: Dinair Querobina da Silva Santos, John Lennon Querobina da Silva Santos, Jose Nilson Querobina da Silva Santos, Laicy Querobina da Silva Santos, Juliene Querobina da Silva Santos, Mônica Arcanja dos Santos Silva, Weverton Batista dos Santos, Jhenety Silva Dantas Melo e Mizaany Silva Dantas; e bisnetos: Arlisson Silva, Geissiane Silva, Gustavo Silva e Heloísa Dantas Costa.

Fora do circuito familiar, é na escola da vida, no cruzamento desses diferentes planos de organização social, que ela acumula um conhecimento especial, como diria Boaventura de Sousa Santos², “nascido na luta”, em diálogo permanente com outros conhecimentos, oriundos por vezes da missão religiosa, da militância política ou do campo acadêmico. O capital cultural associado ao capital militante, no dizer de Pierre Bourdieu³, é o que lhe garante autoridade para interpretar, de forma reflexiva e crítica as trajetórias dos movimentos sociais que fazem a luta social na microrregião de Imperatriz desde o final dos anos 1990, face à expansão do agronegócio e da instalação de agroindústrias na região.

Foi o conhecimento acumulado na militância que deu a Querobina a capacidade analítica e crítica para refletir acerca da realidade dos povos e comunidades tradicionais em seus enfrentamentos com os megaempreendimentos na microrregião de Imperatriz, bem como das fragilidades do movimento social face às atuais estratégias empresariais. Mas,

2. GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Prefácio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

3. Frédérique Matonti, Franck Poupeau « Le capital militant. Essai de définition », **Actes de la recherche en sciences sociales**. 2004/5 (n° 155), pp. 4-11. DOI 10.3917/ars.155.0004.

a reflexão a crítica não é capaz de eliminar a esperança e a crítica é apresentada como instrumento para pensar novas estratégias para a organização política.

Curiosamente, Querobina fala de tempos em que a visibilidade da mulher na luta social era muito restrita. Assim como a guerra analisada por Svetlana Aleksievitch⁴, durante muito tempo a resistência camponesa não teve “rosto de mulher”, tal como constata outra importante liderança do movimento das quebradeiras de coco babaçu, da região da baixada maranhense, Rosenilde Gregório⁵: “as mulheres nunca estiveram fora da luta pela terra. O que acontecia é que vivíamos na invisibilidade. Não há registro do número de mulheres violentadas por coronhadas de revólveres, violentadas sexualmente. A gente não falava. Mas agora a gente enfrenta polícia, enfrenta pistoleiro e é por isso que hoje nós somos alvo”.

Este livro, assim como todos da coleção “Narrativa das Quebradeiras de Coco Babaçu”, é uma pitada a mais na construção da memória coletiva das lutas sociais de povos e comunidades tradicionais, e grupos que se autodenominam camponeses, trabalhadores rurais, posseiros, extrativistas, quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, que vivem e transitam na Amazônia, cujas formas de resistências aos processos de colonização existiram à revelia do controle de fontes documentais e arquivísticas, reservadas, portanto, ao silêncio oficioso.

A biografia aqui apresentada trata de mais uma trajetória plural, cuja pretensão pedagógica é evidenciar a relação do “Estado” com a “Sociedade” na construção do Estado republicano no Brasil, incluindo o ponto de vista de agentes sociais classificados como dominados pela história oficial, situados à margem da “cena política legítima”. Trajetórias plurais, como esta, têm como fio condutor as lutas e resistências de povos e comunidades tradicionais, grupos camponeses, violentados com o projeto do Estado republicano, trazendo à tona o saber dito “dominado” ou “desqualificado” e seus conteúdos históricos mascarados, sepultados e invisibilizados pelas instâncias formais de classificação. Seu conteúdo histórico nos permite olhar para a História do Brasil por outro ângulo, contrastando a versão das narrativas das elites que sempre tiveram o poder de construir a memória desse Estado.

4. ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. (trad) Cecília Rosas. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

5. Mesa Redonda Gênero, Poder e Relações de Trabalho, no **V Encontro do Núcleo Interdisciplinar sobre Mulheres, Cidadania e Relações de Gênero**, 26/04/2018, Universidade Federal do Maranhão.

As interpretações de Querobina nos colocam em diálogo com o pensamento crítico que traz para a esfera política uma noção distinta de política e de fazer política, num contraponto à literatura que tradicionalmente classificou como “pré-política” reservada, portanto, aos “excluídos da política”, num momento em que prevaleceu a divinização do “partido” como o único e supremo lugar social do “intelectual coletivo”.

A narrativa é estruturada em diferentes tempos, sem uma unidade temporal retilínea. São fragmentos que não são estanques e nem implicam rupturas, posto que um elemento se interliga a outros, formando um contexto, daí a angústia própria de finalização de trabalhos desse gênero, quando nos deparamos com a importante decisão do que eleger como socialmente relevante para ser apresentado no livro, tarefa negociada em diferentes momentos com a própria autora.

A aflição perpassa todas as etapas da feitura de um livro, mas algumas são mais tensas do que outras, como etapa da transcrição, por exemplo. E aqui é oportuno agradecer o esforço coletivo de toda a equipe que assumiu esse trabalho, predispondo-se ao exercício de por em contato linguagens diferentes, atuando como uma espécie de querubim, na empreitada de transpor a fala para o texto. Apesar da vigilância permanente e da tentativa de controle da violência simbólica que a relação de pesquisa sempre implica, somos cientes dos limites da transcrição, na medida em que ironias, piadas, gargalhadas, metáforas, são sublimadas, pela difícil tarefa de expor com fidedignidade em um texto. E Querobina é tudo isso.

Dentre tantas possibilidades de estruturação da exposição da narrativa, optamos – eu, ela e toda a equipe que ajudou nesse projeto - por organizar o conteúdo em duas partes. Na primeira são apresentadas as interpretações de Querobina das trajetórias do grupo familiar do Mearim para a microrregião de Imperatriz, bem como das trajetórias de sua militância religiosa para a militância política e das lutas sociais pela terra. Na segunda parte, reunimos falas em eventos e em momentos das pesquisas, onde Querobina analisa as estratégias dos megaempreendimentos e seus efeitos sobre os processos organizativos políticos e econômicos de povos e comunidades tradicionais na região, anunciando e denunciando a tragédia social que se delineia com a expansão do agronegócio.

A descrição da tragédia apresentada em diversos contextos revela a sensibilidade e a capacidade analítica de Querobina. Sempre atenta, ela mapeia,

cartograficamente, as estratégias de inserção dos megaempreendimentos - em particular da empresa Suzano S.A. na microrregião de Imperatriz - que fragilizam os laços de solidariedade dos movimentos sociais. Do mesmo modo, analisa as relações imbricadas entre o poder público e tais megaempreendimentos que, por meio de projetos ditos sociais, não apenas controlam como propõem outros formatos na organização política das distintas unidades sociais existentes na região. É dessa forma que Querobina convoca a todos a um repensar a política e a resistência a um “bicho que está em todo o lugar”.

Este projeto não seria possível sem o aceite da Querobina, mas é primordial que reconheçamos a iniciativa do PPGCSPA/UEMA, do Projeto Mapeamento da Região Ecológica dos Babaçuais e do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Um projeto coletivo como esse passa por muitas mãos e é fruto de muitas contribuições, por isso convém agradecer às filhas e netos de Querobina, que sempre se empenharam na complementação de informações e na reunião de fotografias. Nossos agradecimentos às equipes de bolsistas de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Maranhão Simone Moreira, Rodrigo Martins, Silnério Silva, Aldy Mary Ilário, Emanuelle Nascimento, Julyana Ketlen, Deborah Arruda Serra que colaboraram na transcrição das falas e entrevistas; aos amigos Mariana Leal Conceição Nóbrega, Arydimar Gaioso, Jurandir Santos Novaes, Poliana Nascimento, Adaildo Pereira e José Antônio Carvalho, que colaboraram com fotografias e nas revisões das transcrições e do texto final. Aos professores Cynthia Carvalho Martins e Alfredo Wagner por serem incansáveis na condução desse projeto que certamente nos levará a outra leitura das histórias do Brasil e do Maranhão.

Helciane de Fátima Abreu Araujo
São Luis, 06 de maio de 2018

A participação da mulher é muito social. Falando do social se fala no sindicato. Pode ser outra coisa muito difícil. Eu acho que é por isso que as mulheres não participam, porque o povo só vê a figura se ela está numa coisa, embora que ela tenha boa política, boas intervenções, bom ponto de vista, boas ideias. Mas se ela não está no movimento direto, nas coisas ali, ajudando a coordenar, ela não aparece.

Maria Querobina da Silva Neta.

Eu sou outra feitora agora! Eu não tenho a quem prestar conta. Então não tem por quem eu esperar. Esperar assim no caso de ajudar, né? Não tem por quem eu esperar! A vida é minha e de Deus e de quem quiser me ajudar.

Maria Querobina da Silva Neta.

QUERUBIM

(Rosana Murray)

Hoje um anjo pousou
em meus olhos:
eu caminhava,
e de repente,
tudo ficou
tão leve e alado,
havia em todos,
nas ruas e nas casas,
um desejo de querer bem,
de repartir o pão,
de inventar jardins
e gestos delicados.
Todos amavam todos
numa ciranda infinita,
que dava a volta no mundo
fazendo um anel de luz.

PARTE I



CAPÍTULO I

INTERPRETANDO AS ORIGENS: A TRAJETÓRIA DO GRUPO FAMILIAR

A minha bisavó era índia. E, ela foi pegada próximo ao Piauí, pra chegada aqui do Maranhão. A minha bisavó, a vó do meu pai, foi pegada por uns caçadores. Eu acho que ela desgrudou de um bando... um pouco. E tinham uns caçadores no mato. E ela estava com uns índios novos, não é?. E os índios novos quando viram os homens, os caçadores, eles conseguiram escapular, não é? E ela se atarentou e eles pegaram ela. Cometeram esse crime. Eles pegaram ela e levaram pra casa. Ela não sabia falar. Quando ela chegou em casa foi que os familiares do pai do meu pai trataram de vestir ela. Ela se agoniava demais com a roupa, não queria vestir. Disse que foi a maior luta. Diz que quando eles pegaram ela, ela tinha uma idade assim de 12 a 13 anos. Era novinha ela. Ai criou-se junto com esse pessoal lá. Ai o meu bisavô casou com ela. Ela depois, quando ela aprendeu a falar, ela contava tudo, né. Ela era dos índios Canela que tinha aqui perto de Itapecuru, perto. Do lado de lá. Não sei o nome do da aldeia do município dele.

Meu bisavô era trabalhador rural. Era negro. Meu bisavô era negro. A minha família foi muito misturada tinha índio, negro, caboco e branco. Caboco era o pessoal do meu pai, por parte da mãe dele. Caboco é aquele moreno do cabelo liso. E a minha vó, mãe do meu pai era alva dos olhos azuis. Era bem alvinha, a 'minha avó. Mãe do meu pai. E meu avô era caboco do cabelo bem alvinho. Moreno do cabelo liso. Meu bisavô era negro. Então nós temos um bocado de sangue misturado, né? Meu pai também era bem claro. Cabelo liso... a minha mãe era negra. A minha mãe era negra e eu tenho três tipos de cabelo na cabeça. Eu não ando penteando meu cabelo porque ele tem uns cabelos que não se juntam. Esse cabelo do cangote é bem visível é, preciso pentear ele e, ele é bem liso mesmo. Esse aqui do meio ele é assim encaracolado e o da frente é ressecado, mastigado. São três tipos de cabelo na minha cabeça.

Nunca fui moça passeadeira

Meu nome é Maria Querobina da Silva Neta a Neta, sou sócia do Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural – CENTRU, de Imperatriz, e também do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Imperatriz. Me chamo Maria porque a minha vó se chamava Maria e quando eu nasci botaram o nome de Maria. Agora tem que ter uma coisa para diferenciar a vó da neta. Ai botaram Neta no meu sobrenome. Querobina não é nome, é sobrenome, mas o povo só conhece mais por Querobina mesmo. Tem vez que eu até escrevo Querobina da Silva Neta pra não botar Maria. Eu sou de 1945, do dia 12 de setembro de 1945. Eu nasci em uma comunidade chamada Olho D'água do Tolentino, município de Pedreira, hoje Santo Antônio dos Lopes. Sou filha de agricultor e naquela época a gente nem sabia o que era agricultura familiar, chamava era trabalhador rural. Minha mãe é negra, era bem negra minha mãe, e o meu pai era caboclo, cabelo liso.

Eu não tive muita oportunidade na época de estudar, porque nós morávamos distante do colégio e eu fui criada, na verdade, sem saber nem assinar o nome e meus irmãos aprenderam, porque eram homens, e naquele tempo o povo tinha um preconceito muito grande de deixar as filhas saírem assim pra distante. Somado com aquele horror de menino homem e eu não ia para escola!. Mas os meus irmãos aprenderam e eu conheci minha mãe. A tarefa da minha mãe era mais doméstica, em casa, mas ela era muito criativa. Ela fazia renda, era rendeira e fiadeira. Naquela época, a gente rendava rede fiada e tecida no tear. Eu andei aprendendo, fazendo algumas besteirinhas naquela época, e talvez hoje eu ainda recorde o que eu fazia junto com a minha mãe. Tratar de algodão para fiar, essa coisada todinha. Meu pai, muito trabalhador! Trabalhava muito com mandioca. Ele tinha uma casa de farinha e eu era a pessoa responsável pela casa de farinha. Sabia o pessoal que queria fazer farinha, quando era que um botava, quando era quando outro não botava. Aquela coisa tudo de coordenar o funcionamento da casa de farinha. E eu era cevadeira da mandioca Todo mundo que arrancava mandioca naquela região ali, levava pra lá e eu era quem cevava. Então eu sempre tive assim aquele dom de não ser a mulher parada. Nunca fui moça passeadeira e nem participava muito de festa, não andava nem dançando, porque não podia sair. Não saía sozinha, só saía se minha mãe fosse e era aquela coisa tudo.

Eles vieram em consequência da seca

Meus pais. Eles são todos maranhenses, pai, mãe. Uma parte de avô. Só tem um avô meu que era piauiense. Dois avós né. Que era o avô e avó que vieram pro Maranhão. O nome de meu pai é Júlio Querobina da Silva, Quando meu pai nasceu estava com 30 dias. Ele nasceu do lado lá do Parnaíba. E com 30 dias eles atravessaram pra cá. Pro lado de cá do Parnaíba. (...) Eles vieram por consequência de seca. Eu também não sei o ano que eles vieram embora pro Maranhão. Eu... não deu para eu conseguir conversar com eles essa parte. O meu pai nasceu do lado de lá do Parnaíba e se criou no Maranhão. E a minha mãe (...) ficou sem pai novinha. Mas são maranhenses. Eles vieram ali do povoado chamado Água Preta, que hoje nós chamamos Joselândia, me parece (...) O pai dela era ali da Água Preta. Mas, eles morreram tudo novos. São um pessoal que... o meu avô, por parte de mãe, morreu homem bem novo. A minha avó, quando ela morreu, mãe da minha mãe, ela tinha 19 anos de idade quando ela morreu. Foi um pessoal que tiveram pouca vida. Eu não sei quais foram as consequências que levaram eles a ter essa pouca vida. Ela tinha seis irmãos, por parte de mãe. Eu me lembro até o nome deles todos, dos irmãos dela. O nome da minha mãe era Arcanja Ferreira dos Reis. Ai tinha o irmão mais velho dela chamava Benedito. A irmã dela chamava-se Raimunda. E um Antônio e outro José... Eram seis irmãos... três tiveram família, três não tiveram família. O tio José não teve família. O tio Antônio e a tia Pedra não tiveram família. E a minha mãe, o tio Benedito e a tia Raimunda tiveram família. Mas quem teve mais filhos foi a minha mãe. A tia Raimunda ficou viúva nova. Com seis filhos. E o tio Benedito tinha cinco filhos. Parece-me que três homens e duas mulheres. E a tia Raimunda, que eu não me lembro quantos homens eram e nem quantas mulheres. Eu sei que eu ainda conheci uma filha dela, me parece que duas eu ainda conheci.

Minha mãe morreu com 65 anos de idade. Ela morreu de derrame. Eu não assisti a morte dela, porque eu já tinha vindo embora pra cá pra essa região. E ai quando ela adoeceu lá eu não tive como ir. Eu não assisti a morte dela. E meu pai andou, virou e mexeu e veio morrer aqui junto comigo. Aqui em casa. Tem cinco anos que ele morreu. Morreu lá em casa.

Família esbagaçada

E nós somos uma família grande, mas muito esbagaçada, né? Nós não fizemos assim uma família unida, uma família próxima. Nossa família foi toda assim esfarelada. Uns para um lado, outros para outro. Um ia embora, outro dava

notícia. Outro saía, não dava notícia. Era assim, eu não sei por que era, mas tivemos esse transtorno na vida. E, nós nascemos e nos criamos todos em Olho D'água do Tolentino, que na época era município de Pedreira, hoje é Santo Antônio dos Lopes. Mas, nosso registro de nascimento tudo é de Pedreira, os nossos documentos tudinho é natural de Pedreira.

Minha mãe teve dez filhos e criou nove. O mais velho chama Hélio. Ele nasceu em 1939. Não sei se ainda é vivo. Eu acho que não. Ele foi embora pra Goiânia com 20 anos de idade. Lá ele serviu no exército, que no mandato tirou o tempo dele de militar no exército. E depois já quando eu tive notícia, ele já era aposentado pela corporação. Daí eu não tive mais nunca notícia. Foram três homens primeiro: Hélio Querobina dos Reis, Antônio Querobina dos Reis e Honório Querobina dos Reis. O Honório que foi embora aqui pro rumo dos garimpos. E pra lá ele ficou. Esse nunca teve família. E está com três anos que eu tive a informação que mataram ele na pista do Peixoto. Nunca mais ninguém viu. Eu acho que ele tinha, ele tocava um trabalho muito grande com dinheiro, ouro e eu acho que mataram ele pra roubar. Ninguém tem a informação direito. O outro, que é dos três mais velhos do que eu, chama Tonho. Esse eu não tenho notícia dele. Ele saiu de casa também novo. Não tem notícia dele. O outro que ficou morando junto com nós, no Olho D'água do Tolentino, lá onde a gente nasceu e se criou, esse morreu numa espera. Uma espingarda caiu e disparou nele. Quando acharam ele no outro dia já estava morto. O nome dele era Isaias Querobina dos Reis. Estava esperando caça. E ele estava só nesse dia. Não me lembro quando mais foi a data. O outro irmão chamava Zé, José Querobina dos Reis. Esse morreu tem uns cinco anos que ele morreu aqui perto de Santa Luzia do Tide. Ele morreu até em São Luís. Levaram ele doente pra lá. E lá ele morreu no Hospital Dutra. Ele morreu de úlcera. Foi gastrite que virou úlcera. Quando ele foi se tratar, já estava muito profunda. A irmã mais nova do que eu chamava Antônia Querobina dos Reis, a Nega, essa morreu nova. Eu tinha esse irmão que foi para o garimpo. Antes dele ir pro garimpo, ele ficou morando aqui perto, depois da Açailândia. Num lugar chamado Cabiludo e lá ele fez uma empreitada numa mata lá dele no Pará e ela pegou malária. Num período de inverno. E eles não tiveram como sair de dentro da mata (...), quando ele conseguiu tirar ela aqui pra fora, pro Cabiludo, ela já estava praticamente morta. Ela morreu de hepatite. Hapatite preta (...) Tinha um irmão chamado Antônio e uma irmã chamada Antônia. E tem uma irmã mais nova... Então nós éramos nove irmãos. E um morreu com

cinco anos. (a mãe) Ela teve os três filhos homens primeiro, depois passou quatro anos sem ter filhos. Ela até pensou que não ia ter mais. Ai depois é que veio eu. Depois de mim veio outro. Ai veio outra mulher, a Iranilde, que nós chamamos de Dona Moça. Depois veio outro homem. Ai depois veio outra mulher. Ai o último foi homem. É ai tem o caçula, Jorge Querobina dos Reis, esse também foi embora pra Goiânia. Ele é militar. Esse também estou praticamente sem noticia dele. Têm uns três anos que eu tive noticia dele. Ai faz tempo que eu não tenho noticia dele.

Nossa família toda são trabalhador rural, não tinha ninguém que não fosse trabalhador rural. Só esses irmãos meus que depois de certa idade foram servir a polícia militar. E outros não tinham... Tem uma irmã minha que mora em Bacabal (Iranilde). Essa se formou, passou um período sendo professora e depois não quis mais. Casou pra banda de lá de Bacabal, pra lá. Ainda hoje ela vive pra lá. Os outros tinham era só o primeiro grau, só o ensino fundamental, quase todo esse. Esses que foram ser militar que depois da corporação ainda estudaram, ainda andaram fazendo algum que naquela época era obrigado estudar mesmo. Naquela época eles estudaram mais depois que foram ser militar. Mas nossa família tudo foram assim, nossos irmãos. Todinhos morreram como trabalhador rural. Fora os que morreram no Peixoto, trabalhando em garimpo.

Casa que tinha fartura

Quando nós tomamos entendimento de gente, meu pai era trabalhador, era agricultor familiar. Ele tinha de tudo onde ele fazia uma roça. Ele tinha onde plantar. A gente não tinha modos bons, não tinha dinheiro, mas fartura lá na casa do meu pai tinha demais. Era casa que tinha fartura.

Nessa época que nós tomamos entendimento de gente. Lá essa região ali do Olho D'água tinha assim tudo. Era terra de ... como os outros chamavam... Ninguém era dono de terra. Nem conhecia dono de terra. A gente que botava roça. Meu pai disse que nasceu e se criou ali. Criou-se ali naquela região ali de Pedreira, de Agua Preta que ficava pra cá de Santa Cruz. Aquelas baixadas por ali tudo ele disse que ninguém era dono de terra. Quem tinha roça não queria saber e a gente fazia roça. Plantava de tudo. Quando era no outro ano fazia roça no outro pedaço. Aquela capoeira do ano passado você plantava, dava dois, três anos de uma capoeira pra outra. Era fartura mesmo. Então ali

eu me criei. Por isso que eu acho que parece que eu ainda tenho assim o jeito assim, de, de como é que eu quero dizer de caboco e, pra me formar melhor essa questão da identificado (identidade) da família.

A chegada da pecuária foi uma coisa violenta: a época que mais se esbagaçou gente.

O problema de terra surgiu, me parece, entre 1950 até 58, que houve esse problema de terra, até 57 pra frente começou aquele negócio. Apareceu lá gente comprando terra. E aí quando foi na década de 70 lá estava começando a bagaceira. Aí foi a época que mais se esbagaçou gente. Uns para um lado, outros para outro. E quem chegava, pensava que não. Não, estou marcando pra fazer a roça. Aqui não! Essa roça, essa terra aqui é de fulano de tal que mora lá em tal lugar. Aqui não pode mais fazer roça não! Aqui não pode mais, não! E aí começou nego indo embora. Meu pai tinha muito irmão se esfarelaram tudinho, se espatifaram. Foi quando os irmãos do meu pai vieram se separaram. Foi 50, 59, 60 por aí assim, começou a se esfarelar gente. Teve uns que foram aqui no rumo do Pará. Teve uns que teve aqui nesse Itinga do Maranhão, pra lá ele morreu. Teve uns que ficaram ali por trás, ali próximo de Lima Campos. É, Santa Rosa. Por ali uma irmã do meu pai, que tinha casado de pouco. Nessa era de 60. Uma irmã do meu pai era a mais nova, caçula estava com poucos anos de casada, o marido dela veio embora no rumo da Santa Rosa. Então, pra lá ainda tem muita terra ainda. Aí foram embora pra lá. Foram pra outro canto aí ninguém teve mais notícia. Teve outro irmão do meu pai, eu me lembro até do nome dele. Tinha um Luís e um Domingo. Que foram embora aqui para tal de Sabonete, aqui perto da Barra do Corda. Foi nesse período aí da separação de muita gente, dos familiares. Mas, até um tanto, o mais distante que morava era seis léguas um do outro. Lembro-me muito do Olho D'água, lá do Olho D'água pro Liberato. Povoado que chamava Liberato. Outro povoado que chamava Baixão do Porco. Não sei por que botaram esse nome lá. Por ali tudo morava os irmãos do meu pai. Tudo era perto um do outro. Lembro-me demais de quando minha vó adoeceu. A mãe do meu pai que adoeceu que morreu, ela ficou uma temporada doente. Saía lá de casa e, vinha pro Liberato fazer sentinela a ela. Passar a noite mais os outros lá junto com ela. E eram duas léguas. E lá moravam três irmãos do meu pai. Hum! Tudo perto uns dos outros.

Ali morreu muita gente. Eu tinha um colega meu que morreu em cima de um paiol de arroz. Ele batendo arroz de entregar uma renda lá para uns caboco, depois que ele acabou de encher o saco de arroz, que costurou, os caras mataram ele em cima do paiol de arroz. Mataram mesmo porque eram malvados, atiraram nele, Ele com a lata de milho de arroz. Não tinha essa lata grande que a gente mede e eles atirando nele. A lata ficou parecendo um ralo. A gente não sabe por que, porque até a renda ele já tinha botado no saco. Ai eles botaram a carga em cima e foram embora. Levaram o facão dele e deixaram ele em cima de um paiol de arroz. Ele estava batendo pra tirar a renda dele. Um rapaz novo casado de pouco. A mulher dele estava grávida do primeiro filho. Teve muita violência.

Quando eles chegaram já tinha roça. “Vamos... tantos *alqueires*, tirar a renda aqui. Só é pra botar o arroz, não é pra plantar outra coisa. Nós vamos plantar capim”. Foi na época que começou a história da pecuária. Uma hora que foi depois disso ai, um ano, dois anos apareceu a pecuária. Gado que vinha era boiada. Vinha da banda de Goiás. Eles diziam que vinha do Goiás. “Eta que tá vindo ai uma boiada muito grande aí que veio de Goiás!”. Ai foi mudando a vida da gente. E aí a gente não trabalhava, mas assossegado. Não tinha onde botar roça direito, nos pedacinhos de terra. E aquelas pessoas que tinham aquele pedacinho de terra, que o povo chama pequeno possesiro, “Não pode botar roça lá no meu”. E as terras também muito ruins, porque já tinha sido feito roça. E ai as coisas foram começando a mudar a situação da gente. De muita gente. Ai a questão do prejuízo, gado entrava dentro de uma roça de arroz. E entrava de um lado. Era boi que não se acabava!. Ninguém sabia de onde é que saia esse gado solto dentro da mata. Era gado comendo a roça de arroz. Ninguém sabia nem pra quem dar parte. Ninguém sabia nem quem era o dono. A chegada da pecuária naquela região do Maranhão, naquela época foi uma coisa violenta. E depois foi saindo, saindo, saindo ai foi a época que meus pais já ficaram mais velhos e já ficaram dentro de casa só com a filha mais nova. E ele tinha um quintal grande de cinco linhas o quintal dele, era bem cercado. Ai ele disse: “Eu não vou fazer mais roça perto de ninguém. Vou fazendo alguma coisinha aqui dentro do meu quintal. Aqui pra eu comer mesmo. E vou me agasalhando por aqui. Eu não vou mais fazer roça não, porque eu não estou mais com condição de trabalhar pro bicho dos outros comer”. Ouvei muito isso. Lembra aquela história do Manoel da Conceição que o primeiro sindicato que ele criou no Mearim, a primeira demanda foi pra matar o gado?... Pois era desse jeito? Quando pensava que não, estava a boiada. Ninguém sabia quem era dono. Pensava que não, aparecia um vaqueiro, dois lá... Foi muito violento isso. Conseguiram ficar lá 63, 64, 65. Quando eles saíram de lá pra essa região foi em 1970.

CAPÍTULO II

CASAMENTO E FILHOS

No dia que eu nasci, nesse dia o vento ventou com vergonha

Eu conheci Raimundo Barranova dos Santos em 1961, 62, e casamos em 63. Ele morava com um tio, vizinho lá. Lá a gente se conheceu. E a gente casou por lá. Eu tive sorte de me casar muito nova, me casei com dezessete anos com um trabalhador rural sem terra. Naquela época, a gente fazia roça onde dava na telha, onde a gente queria. O povo chamava de terra do governo. Eram as terras devolutas, todo canto aqui. Ninguém era dono de terra e a gente fazia roça onde a gente queria. Eu toda a vida tive aquela relação com agricultura familiar, toda a vida, minha relação foi muito forte. Eu trabalhava das oito, eu não sabia era brocar, mas eu me metia pelo meio pra brocar, mas de tudo um pouco eu fazia na roça. Mas depois eu comecei a minha família. Comecei a ter filho. Foi muito problemática a minha produção familiar. Eu com idade de sete anos de idade, eu arrumei uma doença que o povo chamava de “puxado” e hoje o povo chama de asma. Tinha muito nome. Quando comecei a ter filho, a coisa se agravou. Tive muito filho, tive doze filhos, mas só criei quatro e só criei filha mulher. Meus filhos homens morreram todos, todos. Morreram sete filhos meu. Até uma coisa muito incrível que até hoje eu não sei por que. Mas quando não morria antes de nascer, às vezes morria com mês antes, com dois meses. Às vezes morria quase na hora de nascer. Morria na hora de nascer. Morria depois que nascia. Morreu menino até com dois anos de idade. Mas não criei nenhum menino homem, não sei qual é o mistério e hoje não quero nem saber. Já passou e se eu souber hoje talvez traga até transtorno.

CAPÍTULO III

DESLOCAMENTO DO GRUPO FAMILIAR PARA IMPERATRIZ

A minha vida ficou muito mais fortalecida

Ele (marido) veio, porque lá não prestava mais para condição de fazer roça. E aí ele veio pra essa região aqui de Imperatriz, onde ainda tinha muita terra. Ele veio e se localizou aqui perto da Cidelândia. Eu com muita besteira, eu vim pra cá atrás dele, para um lugar chamado Curimatá, um povoado que também se acabou no tempo da ferrovia Norte-Sul, foi um dos povoados também que se acabou. Chamava lá Curimatá. Lá hoje mora só três pessoas, parece. Aí com um ano que eu vim... ele só vivia pro mundo, até que um dia deu de ele descobrir o garimpo. Primeiro ele foi pro Trinca, do Trinca ele foi pro Sossego, um garimpo que chamava Sossego – Serra Dourada, que fica bem na *bucana* (trecho que dá acesso) de quem vai pra Serra dos Carajás, eu andei por lá ainda, fui lá algumas vezes e vi que não tinha mais sentido.

Havia algo dizendo assim dentro de mim: “Vai lá, porque tu não vai lá? Teu marido está ganhando muito dinheiro lá”. E eu aí levando uma vida... lavando roupa para os outros pra criar as meninas. Lá tem muito dinheiro por lá. Quando eu cheguei lá, ele estava morando com uma mulher mais nova do que eu, da idade da filha dele. No dia que eu voltei de lá, que eu voltei no outro dia seguinte, eu dei as costas de lá. Eu disse assim: “Eu sou outra figura hoje. Eu não tenho a quem prestar conta. Então não tem por quem eu esperar. Esperar assim no caso de ajudar, não tem por quem eu esperar. A vida é minha, de Deus. E de quem quiser me ajudar”. Eu cheguei em casa não comentei, não disse nada. Minhas meninas tudo já de maior. Tinha uma que já era mãe de uma meninazinha e a outra que era moça dentro de casa que era a Eli. Eu não comentei pra ninguém e nem pra ninguém da vizinhança. Eu não comentei coisa nenhuma. E aí eu já estava no pressuposto, eu já estava na oposição sindical. Nós vamos fazer a intervenção do sindicato. Eu vou pra diretoria do sindicato, eu vou ver o que é que eu faço com essas meninas aqui. Aí a mais velha ficou sabendo depois e disse: “Eu vou lá pra onde o pai”. “Tu vai pra lá, vai”. “Você vai”. “Disse: Eu vou. Então vá”. “Você vai porque quer”. “Eu vou”. “Ele tá bem lá, tem

uma mulher lá. Ele tá sustentando. Ele vai me ajudar”. Até engano dela. Depois foi a outra que demorou pouco lá. Voltou para Parauapebas. Ficou trabalhando na casa dos outros.

Sempre fui igrejeira, rezadeira

Eu aprendi a viver sozinha, aprendi muito a viver sozinha. Tenho até um hábito de que a gente pega mania de coordenar, de dirigir, de querer a casa do meu jeito, aquela coisa de que eu acostumei a viver sozinha. Todas as despesas da casa era eu que custeava, rebojava.

Quando foi na era de 70, 71 eu vim para essa região (Imperatriz) que ele disse que tinha feito uma casa, tinha arrumado local para trabalhar e coisa com coisa... e certo que vim atrás dele, só vivia atrás dele, ele ia pra um rumo eu ia, só sei que foi uma trajetória muito grossa, muito grossa mesmo, aí eu aprendi a viver só, criei minhas filhas só. Não foram bem criadas porque a gente nunca sabe criar, e uma mulher sozinha para trabalhar, pra dar conta de despesa e cuidar da casa você não pode dizer que cria os filhos bem criados, né? Mas as minhas filhas todas elas sabem ler e escrever, todas elas, pouco, mas sabem e daí pra cá, a gente tem tocado, tenho tocado minha vida. Participo das coisas assim. Na época, não deixando uma coisa por outra, sempre fui igrejeira, rezadeira. Na época que o padre vinha de ano a ano na comunidade, mas a gente rezava. Todo santo a gente festejava, todo santo. Era São José, era Santo Antônio, era Santa Luzia, era São Francisco, era tudo a gente festejava. Era um povo que naquela época os padres eram difíceis, mas o pessoal parece que era mais católico, porque festejava tudo. Eu aprendi ir muito e frequentar a igreja através da novena, das festas, dos festejos, fazer leilão, fazer essas coisas e assim mesmo sem saber a ler, eu era uma pessoa que usava muito a criatividade. Eu fui catequista de criança, naquele tempo que não tinha muita burocracia de ler, de escrever, fui catequista de criança muitos anos nessa região, aí quando vim embora pra cá, eu deixei.

Da missão religiosa à militância sindical

E continuei a minha vida de militância e tenho a plena convicção de que eu comecei na igreja. Eu comecei na igreja na época que a gente começou a oposição sindical. O nosso primeiro passo para buscar esses conhecimentos

a gente começou na igreja. Eu participava muito da igreja. Da época que começou essa história de comunidade. O padre vinha, elegia uma pessoa para ser dirigente, porque até aí não tinha, né. A gente só assistia uma celebração quando o padre vinha celebrar a missa. Mas, me parece que foi na era de 60, 65. Lá no Olho D'água do Tolentino quando eu vi o primeiro dirigente de lá. Lá nessa época eu já me engajei. Quando eu vim para cá eu já participava muito assim das questões da igreja, catecismo, celebração, festejo, preparação de missa. Eu já participava dessas coisas quando eu vim para cá.

Ai eu cheguei aqui, próximo aqui a Cidelândia, eu continuei participando. Quando cheguei nessa região (Imperatriz), em 1971, no outro ano eu já estava engajada na igreja e ajudava no catecismo de criança, numa comunidade que fica perto de Cidelândia. Foi a época que encontrei o Frei Rogério e a irmã Gertrudes. Nessa época ali na Cidelândia era um capuchinho que vivia trabalhando na Cidelândia, chamado Frei Rogério. A gente continuou discutindo. Participei muito de encontro com Frei Rogério. A gente toda vida buscando coisa nova. Eu sempre gostei de buscar ideia nova e toda vida a gente futucava essa questão de movimento sindical. Foi a época desses negócios das comunidades de base. Aí começaram a discutir as Comunidades Eclesiais de Base - CEBS. Eu participava demais das reuniões das CEBs. Me elegeram a coordenadora das CEBS, 1978, por aí... eu participava muito. E aí é que a gente começou a discutir a organização dos trabalhadores.

Por que o sindicato não associava mulher?

E daí surgiu aqui na região uma especulação: “Por que o povo não é sócio do sindicato?” Sei que em uma troca de conversa nasceu o encontrão de CEBs que aconteceu em Bacabal. Lá a gente encontrou muita gente de São Luís. O pessoal da Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos de São Luís, na época eu não me lembro nem quem eram mais as pessoas. Parece que era Das Dores, era bem novinha e a gente começou a falar: “Por que a gente não participava do sindicato?” “O sindicato é dos trabalhadores rurais, por que a gente não é sócio?” “Por que a gente não se associa nisso?” “O que tem a ver?” E foi aí que a gente descobriu que o sindicato daqui de Imperatriz não associava mulher. Aí a gente começou uma oposição sindical. Na época eram muitos companheiros que tinham essa mesma indagação, daqui até São Pedro da Água Branca, a gente descobriu que tinha a mesma indagação: “Por que não associava mulher?” E era aquela coisa toda e a gente começou uma oposição sindical aqui e, eu não me lembro se era 1981, que a gente começou esse embate aqui, 1980 ou 1981, que a gente começou esse embate

da oposição sindical aqui nessa região. Eu toda vida pelo meio, tinha mais duas companheiras, três companheiras: duas de São Pedro da Água Branca, na época a mãe do Luizinho, essa já é falecida era...eu não sei, chamava ela de Nenê, não me lembro o nome dela. Chamavam Dona Nenê... não me lembro muito o nome dela... e tinha a Maria Pereira que ainda hoje é viva. Entrou na vida política foi até vice prefeita de São Pedro da Água Branca. Aí a gente entrou nesse embate. No Gavião tinha o Toinho que era uma das lideranças daqui da região e a mulher dele também ficou junto com a gente nessa luta até que conseguimos começar a associar mulher. O cara quis engavetar, mas o delegado sindical dessa comunidade trazia e ele engavetava. Aí começamos essa oposição sindical. Isso foi em 1980, 1981 e 1982. Até que em 1987 nós entramos pra tomar o sindicato. Foi só tomar o sindicato já tinha uma proposta de ocupação de terra aqui. E eu saí de um povoado vim para Cidelândia, morei na casa da delegacia sindical de Cidelândia e já separada do homem, porque ele foi pro garimpo e não voltou mais.

O que me ajudou a ficar (no movimento sindical) foi, além de eu ter me determinado, eu era uma mulher, praticamente livre. Eu não tinha intervenção de marido, né? Pode quem quiser me dizer que isso não empata. Mas empate demais. Fiquei muito determinada para isso. E as meninas sofrendo um pouco. E também depois foi a época que eu fiquei aqui na Vila Conceição e ficou melhor para mim, porque era todo mundo conhecido, todo mundo companheiro, todo mundo sabia o que eu estava fazendo. Ganhei assim um grande respeito no meio da "macharada"! Ninguém passava o pé assim não, porque eu tive um perfil que nego confiava mesmo. Se a mulher não tiver essa determinação. Com esse perfil de ser respeitada, é muito difícil a participação da mulher.

O trabalhador tinha que se agrupar e se organizar para reivindicar os seus direitos

E eu participava e adorava ... E foi quando a gente começou a discutir. A organização dos trabalhadores, levantar várias coisas. Foi levantado essa questão da aposentadoria das mulheres trabalhadoras rurais. Foi levantada a questão da terra. Um trabalho de CEB. Ai então eu estava no meio nessas conversas. Foi onde a gente começou a despertar. Mas, como é que os trabalhadores vão se organizar? Através de que? Surgiam essas indagações pra gente se organizar lá na igreja. E nós vamos nos organizar como? Através

de que? Aí disseram: Tem o sindicato? Até ai ninguém sabia se o sindicato era pra organizar os trabalhadores pra alguma luta. E isso me parece que foi na era de 80, que a gente começou essa discussão. O trabalhador tinha que se agrupar. E se organizar pra reivindicar os seus direitos. Aí começaram dizer “Pra quê? Para isso? Para aquilo?” Ai nego começou arrancando, né, conversa e coisa... ai começou a aparecer ...aqui no rumo do Pará, a luta pelo sindicato, no tempo do Avelino Ganzer. Luta pelo sindicato aqui no Pará, nós começamos a saber que já tinha alguém por ai também já mexendo com os trabalhadores para se organizar para isso, para aquilo. E nós conseguimos um filme mandado por uma irmã da igreja, freira, que mandou para uma irmã na Cidelândia um filme chamado “Lamparina”. E ai a partir desse filme, ai pronto, nego disse: “Rapaz o negócio pega bem é por aqui”. E ai tinha um bocado de companheiro afoito. “Rapaz agora nós estamos com tudo. Agora nós vamos. Agora nós vamos nos organizar para tomar o sindicato”.

Tinha uns caras aqui por Imperatriz, que eram donos do sindicato de Imperatriz. Lá eles faziam eleição e quem apoiava eles era o prefeito. Era uma coisa nojenta. E ai... “Rapaz, nós com o sindicato bem ai, rapaz!. E nós aqui sem saber de nada, nós aqui... Nós vamos é pra cima”. Aí começou a se organizar uma turma bem grande de pessoas, com o apoio do CENTRU que começou a despertar para as curiosidades. E ai começaram a brigar com o homem. E ai quando nós descobrimos que para organizar o sindicato, tinha que ser associado eu disse “Eu vou me associar”. Aí, mas... “Você não pode ser sócia, porque quem é sócio é o homem. O homem é que é sócio. A mulher é dependente”. Ahh não! Aí o negócio pegou mal!... Ai nós começamos a conversar com as outras mulheres. Dizendo: “Mas por que nós não podemos participar?”. Ai nós começamos a ganhar... Aqui nós tínhamos uma turma boa, aqui nessa estrada aqui da Cidelândia, Gavião, Vila Nova dos Martírios, São Pedro da Agua Branca... tinha um bocado de mulher que era muito afoita. E dava pra gente conversar muita coisa. Ai nós conversamos. Em São Pedro da Água Branca era mãe do Luizinho, finada Neném, tinha a Conceição. Ai depois é que veio a Maria do Cabelão, de São Pedro de Água Branca. No Gavião tinha Raimundinha do Toinho, que foi embora para o Pará, por causa dessa questão de terra, foram ameaçados de morte aqui na região. E aí nós começamos. Ali perto da Curimatá onde nós morávamos, tinha Maria do Santo Careca. Era uma turma danada!. Quando a gente se juntava, passava aqui pro outro lado, tinha seu Paulo Benedito, a D. Francisca, que todas essas questões eles topavam tudo. Eu estava dentro da igreja. A igreja foi que despertou essas coisas.

Nós ingressamos mesmo na briga. Ai nos organizamos, fizemos a eleição no sindicato. Nos organizamos, enfrentamos a eleição do sindicato. A primeira eleição que nós enfrentamos, perdemos. Partimos para organização da oposição. Quando foi com três anos depois, nós tornamos encarar. Ai é que nós ganhamos, mas não quiseram entregar. Nós ocupamos o sindicato. É ai o pau quebrou!. Entramos no sindicato em 87 e em 88 ocupamos a Vila Conceição. Nós ocupamos o sindicato em dezembro e ai trabalhamos a organização e a ocupação da Vila Conceição, chamada fazenda Criminosa. Quando nós ocupamos lá estava com 6 a 8 meses de sindicato.

CAPÍTULO IV

MÚLTIPLOS LUGARES DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES

Começamos a organizar tanto a questão da tomada do sindicato, quanto da ocupação de terra

Olhe, é uma coisa muito braba, porque hoje ninguém mais quer fazer, mas a gente tinha gente também com essas ideias. Hoje a gente não vê nem dirigente e nem delegado sindical, nem dirigente do sindicato com ideia de fazer o que a gente fez naquela época. Que a gente articulava mesmo, pra ocupar terra mesmo. Hoje o povo nem faz mais isso e é por isso que o povo ter se rendido a não ocupar terra e também se renderam a não fazer enfrentamento nenhum. Aí a gente está ficando praticamente sem identidade de luta e eu estou muito preocupada com essa situação. Daqui a pouco a gente tem liderança de que? Não tem luta? Você vai ser liderança de que?

Mané (Manoel da Conceição) chegou aqui nessa região de Imperatriz, montou um escritório do CENTRU e foi onde a gente tomou pé de como se organizar para estar nas coisas. O CENTRU era coordenado pelos próprios companheiros aqui na época: Toinho do Gavião, João Batista de São Pedro da Água Branca, Luís Vila Nova. Esses eram os diretores do CENTRU na época. E começamos a organizar tanto a questão da tomada do sindicato, quanto da ocupação de terra. Foram duas coisas brabas ao mesmo tempo. Aí depois que nós ficamos no sindicato aqui ficamos de fato, passamos um ano clandestino como diz o caboclo, sem assinar aposentadoria, sem assinar nada porque não era abençoado pela Federação e nem pelo Ministério do Trabalho. Naquela época o Ministério do Trabalho tinha que ter uma carta, e a carta do sindicato não estava conosco, estava com a situação⁶ que os cabras foram embora e levaram a carta do sindicato, aí nós ficamos totalmente clandestinos, até que a Federação tomou iniciativa. Tomou posição pra legalizar essa diretoria que na verdade não saía, porque eles botavam pra

6. Denominação atribuída aos grupos que detinham o poder na direção dos sindicatos na época.

fora; a gente entrava pra dentro e era aquela confusão toda, até que fomos legalizados com o diretor, na época era o Valdinar que era o presidente. Aí demos continuidade a essa luta. Depois, com o segundo mandato daqui do sindicato, o Valdinar saiu candidato a vereador no primeiro ano de mandato do sindicato e aí ele saiu, como o mandato era de três anos a ele saiu pra candidatura do mandato de vereador aí eu assumi a direção do sindicato.

Comissão da mulher: na hora das coisas eu servia de isca

Eu era mandato tampão, porque na época fui eu quem dirigiu o sindicato aqui. Na verdade, o mandato era do Valdinar, que ele se candidatou a vereador e ganhou. E, aí como ele ia fazer o mandato político, o povo tem muito aquela ciúmeira tem muito aquela ciúmeira de político tá utilizando a entidade para aparecer. Depois de meus dois anos que eu assumi, surgiram duas ocupações. Todas elas eu estava na diretoria como secretária. Na época da São Jorge eu era secretária do sindicato. Tinha o presidente, Secretário e tesoureiro. Eu acho que eu era secretária na época. Tinha o outro que era tesoureiro. O outro era presidente. Eram só três pessoas porque era uma junta governativa.

Das mulheres que ficaram quem assumiu foi eu. As outras ficaram mais foi só para compor a chapa. Aí depois eu continuei na direção do sindicato na época da ocupação São Jorge. Parece que na Comissão de Mulher, mas eu era aquela participadora. Na hora das coisas servia de isca. E aí na época da “ocupação João Palmeira”⁷ eu era a presidente do sindicato. Da Sol Brilhante eu comecei a articular, aí foi época da eleição, mas ainda ajudei a fazer o assentamento da Sol Brilhante.

Na época a gente se confrontava com três setores muito brabos: 1) Nós nos confrontávamos com a justiça que você sabe que isso não é permitido; 2) Nós nos confrontávamos com o poder público, que a justiça não permitia, o poder público era os governos, também não; 3) e nos confrontávamos com latifúndio, Então quem tivesse as suas terras que se cuidasse porque a gente ocupava mesmo. E então eram três confrontos muito brabo e aí não sei porque não morreu muita gente, graças a Deus não perdeu muita gente. Perdeu gente de outra região, mas essa região aqui através da luta

7. João Palmeiras Sobrinho, presidente do S.T.R. de Imperatriz, foi assassinado em sua roça por jagunços no mês de janeiro de 1975.

pela terra, nós perdemos no meu ponto de vista, diretamente nós perdemos um companheiro, que foi o que morreu na época que vieram assassinar o Valdinar.

Nós começamos em 1985. Começamos a oposição sindical nessa região aqui. Imperatriz era até São Pedro da Água Branca. Depois desse trabalho nosso foram criados São Pedro da Água Branca, Vila Nova dos Martírios, Cidelândia e Davinópolis. Tudo era município de imperatriz. E esses municípios foram criados tudo depois desse trabalho nosso e por isso a gente se diluiu.

Daí eu comecei a ver uma coisa muito longe...

Foi em 1985 pra 1986 que a coisa começou mesmo de fato e de direito. Eu comecei a me inteirar mais o que era a organização social. O que era trabalho social. Toda vida eu participei de movimento sindical e aí eu comecei a me inteirar disso. Aí eu comecei a me infiltrar dentro dessas organizações que trabalhava com movimento social aqui na região. Teve o CENTRU que trabalhava muito em trabalho de formação dos trabalhadores rurais e eu estava dentro desse barco aí, além da igreja que a gente já participava há tempos, porque a gente veio de dentro da igreja. E aí veio a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE. Também eu participei de várias regiões, encontros da FASE onde eles trabalham a política, o social das comunidades tradicionais, inclusive a formação de trabalhadores. E dentro desse projeto eu participei do CENTRU na Escola Padre Josimo. Eu coordenei o projeto da Escola Padre Josimo, como membro do CENTRU, eu era da coordenação do CENTRU. E foi eu que coordenei o projeto da Escola Padre Josimo. Mexeu com gente nesse sul do Maranhão todo. A escola Padre Josimo trabalhava conteúdo de relação de trabalhador, de empregador e trabalhador. De patrão e empregado. E eu aprendi muita coisa nesse período. A escola funcionou uma etapa de quatro anos. Foi muito bom. Toda semana nós estávamos com uma turma de pessoas. De Buriticupu, de Amarante, de Imperatriz e do Sul do Maranhão, vinha de São Raimundo das Mangabeiras, Balsas, de Loreto.

O Padre Josimo articulava o povo pra vim pra escola. Era a etapa maior, a semana que tinha mais gente era do Sul de Maranhão. Nós trabalhávamos 80 pessoas na Escola Padre Josimo. Foi ótimo. Foi onde nasceu a ideia de uma cooperativa de trabalhador. Onde nasceu a ideia até com o companheiro,

além do Manoel da Conceição, de um companheiro que era professor chamado Mauro, que era do Sul, tocador de violão. Muito bom, aprendi tanto com esse pessoal. Fiquei apaixonada. Ele e a mulher dele fizeram um trabalho muito bacana. E, daí eu comecei a ver uma coisa muito longe. Que se eu não pensar em mudar as coisas. Se eu tenho continuado no sindicato, no movimento, eu tenho tudo pra contribuir com esse trabalho (...) Essa questão de homem e mulher, eu me aprofundi muito nessa história. E daí a gente participando da Cáritas Brasileira Regional Maranhão era então uma temporada. Lá na minha comunidade teve até um grupo da Cáritas. Eu, como não fazia parte do grupo, mas participava das conversas. Na hora que chegavam, falavam: “A Querobina não está?”. Não sei porque eu sempre fui tudo. Assim, as coisas, e eu vi isso muito longe. Eu não sei é porque a gente deixa as coisas assim. E fica ali, eu sei que por causa das condições que a gente não tem, condições de fazer trabalho... Bom e ai, a gente continuou no CENTRU, continuamos no CENTRU. A Cáritas Internacional foi uma entidade que aqui teve pouca vida. Logo ela saiu daqui pro Pará. A Comissão Pastoral da Terra - CPT aqui também com essa troca de bispo, de padre. Não sei por que, mas a CPT também deixou de existir aqui em Imperatriz. A Cáritas ainda andou funcionando mais uma temporada, mas se estreitou muito a opinião do bispo com o padre da Organização. Começava com muito pouco grupo. Esses grupos só trabalhavam as coisas da igreja. Ai ficava difícil a gente quebrar o tabu. Quando tu trabalhas só um lado da religião, falando da Cáritas, né, tu participa da Cáritas, mas tu tens que rezar direto. Então não tem como a gente romper muito assim as outras barreiras que existem. Por exemplo, a política em si.

Surgiu o Partido dos Trabalhadores e eu me filiei em 1980, parece que ai assim. Eu participava dessas coisas, nós começamos em 85, começamos a posição sindical nessa região aqui, Imperatriz até São Pedro da Agua Branca. Depois desse trabalho nosso foi que foi criado em São Pedro, Vila Nova, Cidelândia. Tudo depois desse trabalho nosso.

Fabricar liderança não é fácil

O período foi de 1985, 1986, 1987, quando surgiu a Vila Conceição, o povo ficou muito envolvido com os assentamentos. Ficou envolvido com aquela organização assim que não rende, que não dá nada. Que depois se acaba em nada. E, aí deixa de fazer os trabalhos mais de expansão. Com o

Movimento dos Sem Terra houve a divisão. Houve o racha de sindicato com o Movimento Sem Terra. Vários companheiros foram para o Movimento Sem Terra e nós perdemos muita gente, porque a ferramenta melhor são as pessoas e nós perdemos muito. Além da gente se envolver com o novo município, um novo sindicato foi criado para lá que nunca andou funcionando que preste. A gente perdeu muitas pessoas.

Você fabricar liderança, não é fácil. As lideranças que nós tínhamos, elas foram assim: muito na lei, na marra. É por isso que às vezes elas entraram por outros caminhos. A questão da religião também andou envolvendo muitas pessoas crentes. Levou companheiros nosso que quando chega lá na igreja é só orar. Só fazer trabalho de crente, de pastoral e acabou-se. Só fazer trabalho pra quando morrer se salvar. E se não se salvar aqui, lá não se salva não. Então, a gente ficou perdendo muito, mas eu participei de todas essas coisas. Os companheiros lá do São Pedro da Água Branca que se diluíram ... Maria do Cabelão que ainda hoje está lá. Lá de São Pedro veio embora pra cá o Marajuba e o Luizinho. Esses aí ainda existem, mas ficaram meio divididos. Marajuba foi para um assentamento que também se diluiu com a criação de Cidelândia. Nós acabamos com muito companheiro e companheira. No Gavião, que é município de Cidelândia, foram embora muitos companheiros e companheiras de lá. Foram embora o Toinho do Gavião, a Raimundinha e o Celino. Todos foram embora para o Pará.

Ocupações: coisa assustadora e violenta.

No dia 16 de julho de 1987, quando ocupamos a Vila Conceição, éramos 256 famílias. Nós saímos da Cidelândia umas 10hs da noite, caminhão aberto, atravessamos, viemos trazendo tudo. Nessa época eu estava na comissão provisória do sindicato que era briga por aqui. Eu estava fazendo parte da comissão que estava organizando a eleição do sindicato. Era uma interventora na época. Eu morava na Cidelândia, inclusive eu morava na casa da delegacia sindical lá na Cidelândia. Foi a primeira ocupação aqui na região. Foi muito assustadora para todo mundo. Eu acho que deu uma repercussão muito grande porque vinha gente da Vila Nova chegava lá, ficava lá na casa do sindicato na Cidelândia. Não coube mais dentro de casa e começamos a botar na calçada. Ai nisso foi se aproximando a noite, 6, 7 horas, foram fazendo, se abarrancando tudo na frente do sindicato lá na Cidelândia. A população todinha fez assim, aquela barreira, os moradores. Aquela barreira

por longe. Ninguém se aproximava. Todo mundo, tinha gente de todo canto ai. De São Pedro da Água Branca, veio gente da Vila Nova dos Martírios, veio gente dos povoados ali por perto e era muita gente mesmo! Não era essa história de vir só o homem com a foice, nas costas não, era cofo, era cabaça, era facão, era machado, era menino!, era galinha, cachorro, gato tudo ... foi uma coisa mesmo, muito, muito e assustou muita gente!. Então, já estava com os caminhões tudo contratado na hora, quando deu 7 horas devido o assombro do povo, um dos caras do caminhão foi despachar, com medo. E gente chorava e gente dizia “Meu Deus, o que é isso?”. “Esse povo é louco!”. “Onde é que vão com tanta criança?”. Esse pessoal vinha de São Pedro, Vila Nova, Centro do Abrão, Varjão, Curvelândia, mas, mais mesmo foi de Vila Nova dos Martírios que vinha. Que veio mesmo parece que 16 famílias que veio de lá, porque lá eles estavam cansados. A Vila Nova sempre foi uma cidade de muito latifúndio. E ai aquele pessoal que não podia comprar terra sempre trabalhava pros fazendeiros e esse pessoal que veio, na verdade, nenhum deles tinha terra. Era gente que vivia naquela forma de tudo que tu fazia, tu pagava renda. Teve um desses companheiros da Vila Nova que tinha 3 vaquinhas lá, onde ele morava. O quintal da casa dele era grande, mas, ele vivia com essas vaquinhas em pasto alugado e ai quando ele veio pra cá que a gente dividiu os lotes aqui, ele trouxe. Foi o primeiro que botou gado aqui. A história da Vila Conceição, pra não dizer desses assentamentos, foi muito violenta, uma violência muito grande, mesmo após a ditadura.

Nós tomamos a Vila Conceição em 1987. Tanto que com a invasão da Taiguara eu era diretora do sindicato, na época da ocupação da São Jorge eu estava como secretária do sindicato me parece e na época da “ocupação João Palmeira” aqui, essa outra ocupação aqui eu era presidente do sindicato e era eu que comandava. Ocupamos, a partir de 1987, a Vila Conceição, a Taiguara, a São Jorge, a João Palmeira e a Sol Brilhante. Todas transformadas em assentamento.

CAPÍTULO V

MULHERES NO MOVIMENTO SINDICAL

Eu era praticamente uma mulher livre

Tinha Maria Pereira de São Pedro da Água Branca e a mãe do Luizinho que morreu. São as veteranas. Entramos de frente. A Conceição, que era mulher do Marajuba. O desânimo pegou, porque ela se separou dele e aí desanimou das coisas. Achou que o movimento era culpado, não é?. Então muita coisa aconteceu assim.

A participação da mulher é muito social. Falando do social se fala no sindicato. Pode ser outra coisa muito difícil. Eu acho que é por isso que as mulheres não participam. Porque o povo só vê a figura se ele está numa coisa, embora que ela tenha boa política, boas intervenções, bom ponto de vista, boas ideias. Mas se ela não está no movimento direto, nas coisas ali, ajudando a coordenar, ela não aparece.

É muito difícil a participação das mulheres por isso, porque eu sofri muito. E é porque minhas meninas já estavam grandes, mas pense numa menina tudo mulher!. E aí pra mim tá vendo o que acontece lá e aqui, é muito difícil!. Se a mulher não tiver assim uma coisa bem política ela não fica.

O que me ajudou a ficar na Comissão de Mulher foi, além de eu ter me determinado, eu era praticamente uma mulher livre. Eu não tinha intervenção de marido. Pode quem quiser me dizer que isso não empata, mas empata demais. Eu fui muito determinada pra isso e as meninas sofrendo um pouco. E também depois foi época que eu fiquei aqui na Vila Conceição e ficou melhor pra mim, porque era todo mundo conhecido. Todo mundo companheiro. Todo mundo bem de situação. Todo mundo sabia o que eu estava fazendo. Ganhei assim um grande respeito no meio da macharada. Ninguém nunca passava o pé assim não, porque eu tive um perfil de nego confiar. Confiava mesmo. Se a mulher não tiver essa determinação, com esse perfil de ser respeitada, é

muito difícil a participação da mulher. Se ela entra logo para movimento com namorinho, com conversinha, com barzinho na boca da noite, com qualquer folia... Olha, dizem que os direitos são iguais, mas tá longe de isso acontecer. Na prática isso é muito difícil!. É muito difícil!

Quebradeiras: movimento não tem rabo preso

Eu acho e sempre continuo achando que a gente fazendo parte de um movimento, você tem mais sucesso de conquista do que você fazendo parte da empresa. Na empresa tu não tens condições de ir pro embate e o movimento pode e deve, você não têm rabo preso nenhum, nem de projeto, relações políticas com o governo pra isso, para aquilo. O movimento entra e sai e não tem pessoa jurídica. Apesar de nós termos a coordenação, mas o movimento para o governo não tinha pessoa jurídica.

Em 87, sempre eu continuava no sindicato. Nesse período a gente começou a articular o movimento das quebradeiras com a D. Raimunda (Tocantins) porque também lá tinha passado por um processo muito gritante nesta questão. Dessa articulação das mulheres com as mulheres surgiu o movimento das quebradeiras.

O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu começou quando a gente, participando do encontro de CEBS da igreja, encontrou o pessoal do Tocantins. O pessoal de São Luís com o pessoal da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão - ASSEMA andou conversando sobre isso. Aí a gente começou a se encontrar com esse pessoal junto com o pessoal da Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos. Eles andavam fazendo reunião e começaram a convidar a gente, pra discutir essa questão das quebradeiras de coco. Nessa época era mais forte no Tocantins, porque tinha mais mulheres. A CPT era o baluarte lá de tudo. Ainda hoje. A CPT nunca acabou no Tocantins. Aqui acabou. A ASSEMA fez um projeto pra troca de ideia, pra troca de experiência. Passamos um horror de ano sendo apadrinhado por projeto da ASSEMA, né. A ASSEMA fazia o projeto e a gente fazia aquelas coisas e a gente participava. Daí quando a gente, logo nos primeiros anos, a gente se encontrou com a Zumira, a Rosa... Aí nesse período a gente começou esses encontros do movimento sindical. As mulheres sempre falavam, tinha as entidades CPT, tinha a Cáritas... Aí nós começamos a articular essa troca, o movimento das quebradeiras com o Tocantins a Dona

Raimunda, também lá tinha passado por um processo muito gritante nessa questão das ocupações, violência né. A gente se encontrava muito com a Dona Raimunda aí nasceu essa articulação de troca de experiência das mulheres e aí surgiu o movimento das quebradeiras. Ao longo da história, eu participo do movimento das quebradeiras desde a sua fundação desde a primeira história que a gente começou a se encontrar. Os primeiros estados que se encontraram foram o Maranhão e o Tocantins. Depois veio o Piauí e, por último, o Pará, aí se tornaram quatro estados.

O movimento das quebradeiras foi um movimento muito dinâmico para correr atrás de informação, porque a gente trabalhou muito com informação e formação. E dentro desse trabalho a gente descobriu muita gente interessante, tanto do Tocantins como de outros lugares. Pessoas que ao longo da história trabalhavam tanto com o movimento de mulher como de agricultura familiar. A gente barganhou muitas informações e aqui na região, aqui no Maranhão, muita região interessante que a gente encontrou, através da igreja, do trabalho de CEBS. A gente se encontrava, começou a se descobrir aqui mesmo. A gente descobriu o Zezinho que, na época, a gente tinha aquele pé atrás “O Zezinho é fazendeiro, que diabo ele faz aqui, né? Mas não teve jeito, a gente nem botou para fora e nem ele saiu. Então a gente começou de fato e de direito uma articulação muito boa. Faz muitos anos que a gente se conhece, através do CENTRU. O CENTRU trabalhou eu acho que quase no Brasil inteiro e aí a gente descobriu mais gente. Esse povo já se foi, muita gente já se acabou. De forma que a igreja articulava, por meio da CPT, todo esse segmento ligado à igreja que a gente sempre teve uma relação boa. Aqui nessa região a gente descobriu a Dona Expedita e muitas comunidades aqui. Nós descobrimos a Associação das Quebradeiras do Mundo Novo que já foi tocada aqui e nós ainda pegamos umas bonitas roletas por causa dessa documentação das quebradeiras, da associação das quebradeiras aqui no Mundo Novo. Na época tinha na prefeitura, uma secretária de ação social, nem lembro o nome dela. As mulheres que eram sócias da associação, mas se era para as mulheres terem o documento da associação, quem tinha era a secretária de ação social debaixo do braço, né? As mulheres não sabiam quando era para ter eleição, não sabiam quantas mulheres tinham associadas. As mulheres não tinham muita informação para quê aquela associação das quebradeiras. E então aqui no Amarante foram os nossos primeiros passos, né?

E a gente andou descobrindo um bocado de coisas aí, até sem querer, mas a gente andou tendo umas boas conversas por aí. Eles em vez de articularem as quebradeiras para se organizar em grupo, para discutir a produtividade com as

quebradeiras, para que fazer e como fazer, não, vinham de lá para cá a secretária de ação social oferecer machado para as mulheres, oferecer essas coisas assim que não fazem o povo crescer. O que faz o povo crescer é a gente não dar o peixe pescado, a gente dá o anzol para ir pescar e é isso que o povo tem ainda essa deficiência muito grande, só quer a conversa, só quer se agrupar, se articular se receber alguma coisa e as vezes deixa a coisa mais interessante mais importante para a vida da gente, que é a formação e a informação. Como a gente sobreviver daquilo ali? E nós não trouxemos machados para ninguém, não demos machado. A gente quer saber da associação, como é que nós vamos articular essas mulheres daqui, que não eram da associação do Mundo Novo lá. Nós adquirimos uma cópia dos estatutos, dizendo o seguinte: “Uma associação do município do Amarante” significa que todo município do Amarante estava naquela associação. E aí como se faz um trabalho com a associação. Aí foi onde deu aquele impasse que a gente andou criando uns grupos do MIQCB. A gente criou um grupo no Grotão, criou um grupo no Mundo Novo e por último a gente conversou com a Dona Expedita como ela iria conversar com as mulheres aqui.

É preciso que a gente valorize quem já está. É por isso que quando a gente está conversando é melhor você ouvir os donos da casa primeiramente para ele valorizar o que ele já tinha antes quando a gente chegou. As mulheres aqui sempre quebraram coco e no Grotão era uma coisa muito interessante: quebravam muito coco, utilizavam isso, faziam carvão e era um trabalho tradicional. É uma renda que veio complementar a outra, desde o seu começo de família de comunidade que essa renda do babaçu completa a outra, a da roça. O que você não tira na roça, você tira no babaçu. Uma coisa completa a outra e para melhorar vêm os outros subprodutos tanto do babaçu como da agricultura familiar. Quando se fala da mandioca são umas coisas que complementam a renda e como a gente fala é muito bom a assessoria. Vamos correr atrás de pessoas que têm formação e lhe ajuda, porque às vezes tem assessoria que atrapalha, como assessoria de governo é danada para atrapalhar, porque quando eles vêm é com a tecnologia muito grande que você não sabe lidar com ela e você precisa disso, mas primeiro você precisa se aperfeiçoar para ir melhorando aos poucos, senão você abandona aquela coisa que você já fazia e aí nem um e nem a outra, certo? Então assessoria das quebradeiras é muito bom, porque são companheiras que trabalham nas comunidades, vivem nas comunidades. É o movimento que veio complementar aquilo que tu já faz. São um pessoal que vem da base, é um pessoal que quer complementar aquilo que você já fazia, casa de farinha, por exemplo, a gente fazia era manual. Gente, quem que não sabe disso? Para ralar a mandioca, a gente puxava a roda...Hoje, algumas coisas que aparecem mais para melhorar o teu trabalho, aí vem o motor que tu já quebra a mandioca, através do motor. Hoje já

tem até a torrada com aquelas palhetas. Mas é preciso aprender, porque senão tu abandonas o rodo e tu não dá conta de fazer com aquela tecnologia. Então são essas coisas que são as assessorias que contribuem mais. São assessorias básicas que vêm complementar o teu trabalho e como nós do movimento das quebradeiras e como nós da cartografia social, porque hoje aqui estou com as duas coisas. Estou aqui com uma nova cartografia social da Amazônia que faz um tempão que nós fazemos pesquisa, como é que povo vive, o que povo faz. A nova cartografia Social da Amazônia são um povo também que vem daquela articulação, daquele trabalho que a gente quer que o povo continue a pescando e não dar o peixe, para ele, para que ele continue a pescar, porque a gente quer dividir conhecimento. Outra coisa, a associação é boa, mas é preciso que a gente tenha esses cuidados, com associação, você faz projeto de criação de galinha, criação de porco, deixa de comprar frango lá, compra o frango aqui. Então a associação é muito boa por isso, porque andor que a gente carrega o santo é de barro!.

Construção dos assentamentos: época de muita violência

Como nos outros assentamentos que aconteceram na região, foi uma época assim muito violenta. Foi praticamente a ditadura, como o povo diz. Ainda tinha muito resquício da ditadura, mas no período na Vila Conceição foi o primeiro assentamento. Eu era secretária da junta governativa. Tinha o Luizinho, que era o presidente da junta, o Antônio era o tesoureiro e eu era a secretária da junta governativa. Aí nós tivemos a oportunidade de articular duas coisas: 1) como era uma época muito agitada eu praticamente aparecia mais que os outros, eu *acho que, na verdade, a mulher tem uma queda de braço melhor para lidar com essas coisas em certos períodos*. Naquele período o povo sempre dizia assim “deixa a Querobina que o povo chega tá aí a mulher e tal, o homem pode ser mais visado” na hora de intimar, na hora de ir na delegacia, *na verdade o homem é mais visado*. E eu ficava mais de frente das coisas, para vir aqui para dar um recado era eu que vinha, pra vir aqui articular os companheiros pra tirar alguma comissão pra ir lá era eu que vinha por causa da história da ida e vinda, que era sempre mulher que vinha o pessoal tinha mais aquele respeito, quando não era eu que vinha, mas outra pessoa dizia: “Não, vai um homem e uma mulher e deixa rolar”.

Então foi assim que conseguimos ser despejado. Fomos despejados, fez uma peneira danada porque a gente era duzentos, cinquenta e poucas famílias. Quando nós voltamos, voltamos cento e trinta e sete e a gente conseguiu contornar a situação. Foi época que a gente fez a eleição do sindicato, deu certo,

aí quando aconteceu aqui esse assentamento a gente botou na pauta, no próximo ano a gente vai fazer outra, aí embalou o próximo ano, a gente fez os dois anos, aí nós articulamos a Itaiguara, conseguimos articular a Itaiguara. A Itaiguara foi calma, até porque o próprio fazendeiro que vivia com a área em seu poder não fez questão, porque ele não tinha o documento da área, ele só utilizava a madeira da área. Aí ele chamou a gente para conversar, aí tudo deu certo. Era uma área seca não tinha água, eles apostaram que a gente não ficaria porque não tinha água e, como a nós articulamos outras parcerias por em roda o pessoal conseguiu ficar lá, foi sessenta e seis família que ficou na Itaiguara.

E, esses assentamentos sempre que na hora de entrada era eu que ia com o pessoal, aí não sei porque qual era o jogo de cintura, se era eu que era muito *afoita* né, que na verdade eu tinha muita ansiedade naqueles momento na luta, eu tinha muita ansiedade, coisa dar certo, vai dar certo e tinha que dar certo, eu tinha uma ansiedade danada. Então eu estava sempre mais na linha de frente nessa história, apesar de na hora da conversa a mulher não aparece quase, o sindicato de Imperatriz e tal e tal e tal quando matava uma onça e tirava o couro, aí os homens contam a história, mas, a gente conseguiu. E quando deu certo na Itaiguara a gente botou na pauta que no outro ano a gente faria outra, aí essa outra deu muito trabalho, dois anos depois, foi a Itaiguara com dois anos depois a gente fez a São Jorge, aí lá o fazendeiro muito violento, tinha um poder aquisitivo muito grande, ele conseguiu articular muito capataz para ficar com ele. Houve tiroteio duas vezes na área, o pessoal saía e quase nós perdíamos a São Jorge por um fiasco, a gente não perdeu a São Jorge. E quando foi despejado no momento, no outro nós para voltar pra lá tu imagina quantas família voltou, voltaram oito famílias, doze famílias com os apoiantes quase que nós não conseguíamos que o povo não queria mais ir porque a violência do fazendeiro era muito, ele era muito consistente, ele era muito consistente. E nessa época eu arranjei uma maquininha de tirar retrato, *essa máquina foi uma arma para mim*, para onde eu ia eu levava ela e eu ia assustando ele umas duas vezes com essa máquina de tirar retrato, porque ele ia pra violência e eu registrava e, ele não queria aparecer, então ele fugia, porque ele sabia que eu estava registrando o caso e ele fugia sempre, ele tinha medo da gente ter prova como era que ele estava reagindo às coisas.

No primeiro ano o pessoal fez roça, ele (fazendeiro) botou para apanhar a roça do povo todo, o capanga, eram doze capangas junto com ele, dois policiais permanentes. Ele envenenou as primeiras frutas de lá, a abóbora a água dos poços, ele mandou botar veneno e a sorte nossa que a gente descobriu antes do povo beber, porque deixaram o vidro com o nome do veneno, no dia que eu estava lá. As mulheres com medo de ir pra cacimba pegar água sozinha, eu

disse eu vou mais vocês, aí lá quando eu cheguei lá um vidro assim de 500 ML aí eu disse assim: “Esse vidro aqui...”, eu disse assim “Quem de vocês lê?”, tinha mulher que já tinha colocado água na vasilha, “Mas lê esse negócio aqui”. Ela disse que isso aqui é veneno descobrimos e todo mundo se assombrou aí foram cavar outra cacimba para poder beber água.

E assim sucessivamente. A gente já tinha essa pauta, de dois em dois anos o cacete cantava, aí foi Vila Conceição, Itaiguara, São Jorge, João Palmeira e Sol Brilhante sem cooptação, num período que não estou lembrada, a derradeira foi a Sol Brilhante, eu não me lembro qual foi o ano, 1996 foi a última ocupação.

Vila Conceição: falta de uma política de assentamento

Eu moro hoje na Vila Conceição. Fui uma das pessoas que ajudei a articular as pessoas para estarem lá. E não foi só lá. Temos outros assentamentos. Mas até hoje eu não conheço assentamento, a política de assentamento. Eu já disse em algum momento que hoje pelo conhecimento que eu tenho de assentamento, eu hoje não participaria nem que eu morasse numa biqueira de uma árvore. Mas, não morava não. É uma coisa muito louca: assentamento. Uns que eu acredito que fala até por falar. Mas, você não dirige uma família hoje, imagine um assentamento! É uma loucura tu pegar pessoas do São Pedro da Agua Branca, Vila Nova, Imperatriz, não sei de onde lá das quantas, tudo quanto é buraco do mundo e tu juntas eles num lugar pra dizer que tu vais coordenar essas figuras. É muita ousadia. Enquanto eles não adquirem o que lhes interessado você ainda conversa. Depois que eles adquirem o que eles tão interessado você não dirige mais. Você não coordena mais. Você fica alinhado num, num bloco de pessoas que nem uma comunidade comum qualquer. Você fica amigo de umas pessoas. A gente cria amor uns aos outros. Mas, de você dizer que vai continuar ali tudo o quê... pois não é verdade.

A minha vida melhorou porque eu não tinha uma casa. E, hoje eu tenho um barraco pra morar. Enquanto eu tiver debaixo é meu. E muita gente melhorou de vida. Muita gente. Principalmente, aquelas famílias que tinham dois, três homens na família, que trabalharam, que pode cuidar de gado, pode cuidar de roças grandes. Esse pessoal começou a contribuir com a melhora, com melhores condições de vida para várias pessoas não só para a sua, porque só você não conseguia aquilo. Dar-se também a entender que só tu não chegas em lugar nenhum. Tu tens que ter um aparato qualquer para tu chegares em alguma coisa. E agora, quando o governo fala do Instituto Nacional de Colonização e Reforma

Agrária - INCRA, é preciso mudar da água para o vinho, porque o INCRA que nós tivemos foi muito péssimo, sem política nenhuma. É a política do oba oba, a política da cópia. Ele recebeu aquele negócio no papel, então é por ali que ele vai, principalmente os assentamentos que nem o meu, porque nós não tínhamos ideia nenhuma do que era isso. Não tinha com quem nós contarmos com experiência em projeto de assentamento Nós. Nós não tínhamos ideia com quem contar. Era o que o banco dizia e o que o INCRA dizia porque o INCRA não tinha, não tem política de assentamento. Tem política de ditar regra. “A regra do governo é essa aqui” e os técnicos ligados ao banco, porque tem um negócio no banco de consultoria para trabalhar os projetos. Naquela época os técnicos não tinham política nenhuma. Dizia pra gente “Só quem paga projeto é gado. Ou vocês plantam capim ou não pega projeto”. E o povo enlouquece. Muita gente enlouqueceu. Quase todo. E pra plantar capim tinha que fazer o que? Desmatar tudo. Era o que a gente recebia dos técnicos. Eles empurravam de goela abaixo umas propostas de fruticultura. “Não, pois planta acerola lá naquela ponta de serra lá”. Cadê a irrigação para molhar? Cadê a estrada para tirar essa acerola que com 24 horas ela amadurece, com 24 horas tem que tirar. Cadê a estrada?. Cadê o aparato para você colher essa acerola? O jeito foi brocar a acerola como quem brocava outro mato, e não tinha viabilidade. Sofremos muito, nos endividamos. Inclusive nossa dívida foi até perdoada. Ninguém comprava uma caixa de fósforos. Tudo por conta dessas coisas. Ai o trabalhador é quem paga o pato, porque “foi incompetente”, foi “preguiçoso”, “trabalhador não trabalhou”. “Botou fora”. E a gente não sabia o que era assentamento coisa nenhuma. Nada. E até hoje a gente tá estudando. Como você se adequar dentro do assentamento pra você viver mais ou menos, porque a tempestade, principalmente hoje nessa conjuntura, se você não concordar com as coisas mal feitas você não tem com quem conversar, porque o capitalismo ganha todo mundo. Com o capitalismo veio o que? Veio o futebol. Se tu não concorda com o futebol tu não participa daquela zoada todinha. Ahh! Tu ficas sem conversar com ninguém, porque só fala em futebol. Se tu nu for para a banca de cerveja final...

Começou com 137 famílias e hoje em mais de 500 em uma área de 7.000 hectares. São 7 quilômetros daqui da BR lá dentro e de lá de dentro são quase 8 hectares lá para o Olho d'Água. Mas, muito lote vendido. Hoje já tem 70% dos lotes vendidos. Tem outras pessoas já. Outros agregados. Passaram para outro porque morreram, ficou a velha só. Filho não quer trabalhar de roça. Filho quer é emprego. Filho se forma quer vir é pra rua trabalhar. Por conta dessa política do agronegócio, do empreguismo, é que muitos assentamentos hoje infelizmente tão entrando nesse colapso.

CAPÍTULO VI

CENTRO DOS SABERES CASA BRANCA

Eu não estou na coordenação do MIQCB, mas em todo canto que estou eu sou MIQCB. Em todo canto que eu estou, eu faço parte da Nova Cartografia Social da Amazônia, porque eu sou filha mais velha. Hoje eu estou voltando para o STTR de Imperatriz. Eu fiquei na diretoria da Secretária de Formação da Mulher e eu estou com grandes intenções para Imperatriz, mas eu faço aqui, se for o caso, como eu faço o trabalho através dos movimentos das quebradeiras, certo? Então eu continuo sendo aquela mesma figura como de sempre. Lá na minha comunidade estamos ainda projetando um museu que o povo chama Centro de Ciências Saberes Casa Branca, porque quando nós ocupamos lá a área, uma área de ocupação, foi a casa onde nós nos encostamos, quando nós chegamos lá com a galera e ainda hoje existe. Faz trinta anos no município de Imperatriz, Vila Conceição I. Nós ainda hoje estamos correndo atrás de alguma coisa para o museu, já demos uma recuperadazinha, mas não foi muito essas coisas. Hoje a gente está querendo mais coisa. Casa Branca, porque a casa é branca. Eu gosto de lembrar essas coisas também, porque a casa é branca nós não quisemos mudar a cor. Esse museu tem uma diferença dos outros museus. Lá em Imperatriz, por exemplo, agora tem um museu lá na Universidade, mas é só coisa de universitário, coisa da história de Imperatriz e lá é um museu que guarda coisas que futuramente elas desaparecem, é a espingarda por fora, o sacho de plantar arroz que ninguém planta mais, o cotelinho de campinar que a gente não capina mais de cotelo, é a lamparina que ninguém usa mais, o pote que a gente bota água hoje 'tudo é na geladeira, né?, o mocó que levava a munição pro mato, arapuca de pegar passarinho, as foices velhas que agora a gente derriba é de trator. São essas coisas que a gente está querendo sempre utilizar dentro do museu, da memória, da história, fotos velhas e antigas, a faca de entrançado da calo danado. Mas era aquilo que a gente fazia. São essas coisas por isso que tem diferença dos outros museus. Esses museus guardam coisas que a gente tinha anteriormente, que hoje a gente não quer então essas coisas, viu gente? A gente continua ainda futucando

alguma coisa e lá nós estamos, através do museu, nós estamos com a casa de farinha dez anos parada no assentamento. Imagine dez anos parada! Acabou o motor, o forno velho ainda hoje está lá encostado, só tinha as prensas que eram de ferro, não acabava assim ligeiro e aí a gente andou dando umas recuperadas, muitas vezes o povo pensa que a gente ganha dinheiro nessas coisas, mas a gente não ganha dinheiro nesses trabalhos.

PARTE II

**BRIGA DE UM TOSTÃO CONTRA UM
MILHÃO**

Botar Pra Brigar⁸

Se correr o bicho pega
Se ficar o bicho come
Se o cabra morre de medo
Prova que ele não é home
Qualé o jeito Zé

É virar é virar é virar
E virá e botar pra brigar (refrão e bis)

Eu saí do Piauí,
Vim parar no Mearim
Quando eu chegava ali
O bicho vinha atrás de mim.
Qualé o jeito Zé?

8. (Autor da música: Luiz Vila Nova, extraído do livro **Canções da Luta Camponesa**, de autoria de Luiz Vila Nova, publicado pela CENTRUGRAF EDITORA, Recife, 1984).

Música cantada e interpretada por Querobina nos encontros de trabalhadores rurais e de quebradeiras de côco babaçu.

É virar é virar é virar
E virá e botar pra brigar (refrão e bis)

Do vale do Mearim,
Eu corri pro Pindaré.
Quando eu olhei pra trás
O bicho já vinha no pé.
Qualé o jeito Zé?

É virar é virar é virar
E virá e botar pra brigar (refrão e bis)

Do vale do Pindaré,
No Tocantins eu fui parar
Quando eu desapiei
O bicho tava a me esperar.
Qualé o jeito Zé?

É virar é virar é virar
E virá e botar pra brigar (refrão e bis)

Da região do Tocantins
Eu fui parar no Araguaia
Quando eu chegava lá
O bicho tava na tocaia
Qualé o jeito Zé?

É virar é virar é virar
E virá e botar pra brigar (refrão e bis)

Não tem mais pra onde eu ir,
Todo lugar o bicho tá,
Num vou mais sair daqui,
Não vou caçar outro lugar.
Qualé o jeito Zé?

É virar é virar é virar
E virá e botar pra brigar (refrão e bis)

CAPÍTULO VII

OS IMPACTOS DA “SUZANO PAPEL E CELULOSE” SOBRE A VIDA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO OESTE DO MARANHÃO⁹

Sou sócia do Centro de Educação e Cultura do trabalhador Rural, de Imperatriz e também do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Imperatriz. Bom, falando da questão dos impactos hoje, hoje nós, as comunidades tradicionais, estamos com um grande desafio, enfrentando um grande problema que são os impactos. Os impactos estão acontecendo tanto nas áreas que ficam mais próximos das grandes empresas como nas comunidades do seu entorno. Então, são uns impactos muito sérios.

Eu acho que um dos impactos que contribui muito para que os trabalhadores, as trabalhadoras, o povo em geral, se mude. Primeiro impacto é a divulgação das grandes empresas. As grandes empresas chegam, como chegaram em Imperatriz e, começaram a comprar os meios de comunicação. Tem empresa de comunicação que de minuto em minuto solta a matéria que pega toda a região tanto do Maranhão como fora do Maranhão divulgando as coisas “boas” que as empresas estão fazendo. Esse é um impacto muito forte. E os movimentos sociais como não têm recurso para divulgar, para mostrar o seu trabalho, mostrar o seu lado e dos seus interesses, ficam sem ser divulgado, né?

Outro impacto muito grande que tá mexendo muito com o povo, é que a empresa é uma empresa muito capitalista e tem a questão da oferta dos empregos. A empresa chega mostrando um lado de geradora de milhões e milhões de empregos para a região. Eu tomo então essa última empresa que chegou lá agora. É uma empresa chamada “Suzano”. Ela diz que vai trazer mil e num sei quantos empregos para lá, direto, e mais dois mil empregos indiretos. Então as comunidades, o povo que está desempregado fica tudo doido. “Agora chegou a salvação”. Então este é um impacto muito forte.

9. Palestra proferida por Querobina em julho de 2012, na 64ª Reunião da SBPC, na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís - MA.

Outro impacto também que está trazendo um grande desconforto pra nós que somos trabalhadores, trabalhadoras, movimento sindical, movimento das quebradeiras, um impacto muito forte é a questão da reforma agrária que nunca houve, mas, a gente continuava forçando a capa, para que o INCRA desapropriasse áreas de terra para assentar as famílias sem terra. Nós temos dois assentamentos que a gente está com um povo na beira da estrada há oito anos. Um deles fica na Estrada do Arroz. O INCRA já tinha até dado carta de anuência que eu não sei como é que chama, para que a associação de lá, dos agricultores, dos sem terra, dizendo que aquela área já estava desapropriada. E aí há uma grande festa pra aqueles companheiros que estavam na margem da estrada. E depois da chegada da empresa, o INCRA deu para trás. Não tem mais terra desapropriada. O outro assentamento era da Água Branca, próximo a São Pedro da Água Branca, quem conhece a região sabe qual a distância que fica. O assentamento também está com oito anos que o povo estava na beira da estrada e essa área já estava com recurso na conta da associação. Uma área muito famosa, muito grande. A “Suzano” chegou e botou dinheiro para o dono da área e ele deu para trás, não aceitava mais a desapropriação da área pelo INCRA e hoje estão devastando uma área de mata que fica dentro dessa. Mais de duzentas mil hectares, umas vinte, umas trinta mil hectares de mata virgem. Agora estão derrubando devastando toda essa área que vai ser passada para a empresa. Isso é um impacto muito forte, um desânimo. Um desânimo para quem vive lutando pela reforma agrária, outro desgaste.

O outro desgaste é o valor do hectare de terra, que hoje está no valor que a gente nunca tinha visto. Qualquer alqueire de terra, lá hoje está valendo sessenta mil, está valendo quarenta mil, dependendo do interesse da empresa pela área. Então, não é mais qualquer coitadinho que vai comprar um alqueire de terra. Esse é outro impacto muito sério, que nós enfrentamos naquela região.

Outro impacto que a gente vive enfrentando e vamos enfrentar daqui pra frente é a demolição de comunidade, onde a empresa vai montar a indústria de papel e celulose. Fica entre a estrada e a beira do rio Tocantins. Os resíduos da empresa vão cair todos dentro do rio Tocantins. Que é um rio que alarga do Pará, atravessa o Maranhão de um lado ao outro. Então são os impactos muito fortes. E essas comunidades que vão ser demolidas, são três comunidades. Uma chama Bacaba, onde a comunidade está com mais de quarenta anos, que lá vivem, mais de sessenta famílias. Lá nesse

povoado, tinha colégio, tinha muita matéria prima para artesanato, inclusive lá tem uma artesã que se chama Leci, que faz um artesanato da maior qualidade da história. Hoje essa cidadã vai ter que sair dessa comunidade pra ir pra outro local que eles vão montar. Aí está a confusão. Outro impacto que nós não acreditamos como vai ficar e quem é que vai implantar essa, nesse povoado. É a empresa ou o poder público. A gente pergunta pro prefeito: “É você que vai construir as casas, quem vai morar nesse povoado, esse povo que vai sair da Bacaba?” Ai ele: “Não. Aí é questão da empresa”. A gente vai pra empresa, pergunta para o representante da empresa: “Quem é que vai construir as casas onde vai ficar aquele pessoal, que vai sair dali, daquele local?”. “Não. É o poder público”. Então, tão jogando bola do lado pro outro e as coisas... o cerco tá se fechando. É um dos grandes impactos que a gente tá sofrendo ali naquela região.

Outro impacto muito sério é onde vai ficar aquele povo. Não têm mais babaçu que já devastaram tudo. Não tem mais terra pra agricultura familiar aonde vai ficar aquele povo. São um povo tudo maduro, já de seus quarenta anos, cinquenta anos. A juventude tá toda iludida que vai ser empregada e os outros que não vão ser empregados vão embora pra Goiânia, Mato Grosso. São os grandes impactos que nós estamos enfrentando ali naquela região.

O outro impacto, minhas companheiras e companheiros, é a devastação exagerada. Aonde têm área que era a antiga CELMAR/SA Indústria Celulose e Papel¹⁰, hoje é da empresa Suzano, aonde tem eucalipto é Açailândia, é Vila Nova dos Martírios, São Pedro da Água Branca, Cidelândia, Imperatriz, Açailândia, é, Porto Franco, é, Senador La Roque, é, João Lisboa, Amarante, toda aquela região hoje tem ramificação da empresa de papel e celulose. Todo, quase todos os assentamentos tão cercados, vejam outro impacto muito sério. Com a oferta do emprego, até os assentamentos, nossos companheiros tão tudo botando os filhos pra irem, pra se entregar, correndo atrás de emprego e até as pessoas de idade meio avançada tão correndo atrás de emprego porque elas podem ser vigia, podem ser quem sabe um zelador de um jardim, que diz que vai ter um jardim em todo canto, vai ter jardim lá na empresa. As mulheres, diz que quanto mais filho a mulher tiver, mais é melhor pra empresa e pras mulheres, porque elas vão ganhar, eles

10. Empresa de produção de celulose, pertencente à Companhia Vale do Rio doce, instalada em Imperatriz, nos anos 1990, que antecedeu a Suzano Papel e Celulose.

vão pagar salário família mediante a quantidade de filho que a mulher tiver. Então é uma propaganda muito bonita que vai todo mundo. São uns impactos muito sérios e até os assentamentos tão deixando. A gente trouxe pra mostrar, nós não somos contra o desenvolvimento, muito pelo contrário, nós queremos telefone até dentro do banheiro, nós queremos posto de saúde em toda comunidade, nós queremos, mas, também nós não queremos deixar as nossas antigas tradições que é a cultura familiar. É por isso que nós trouxemos aqui o milho, o feijão, o babaçu, o azeite, o mel, tudo, porque nós queremos dar continuidade as nossas tradições.

CAPÍTULO VIII

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A COOPTAÇÃO DE MOVIMENTO ORGANIZADO

E uma coisa muito séria, essa coisa que nós chamamos de desenvolvimento sustentável. Eu não acredito que no desenvolvimento sustentável através do emprego. Eu não quero que o povo fique sem emprego, mas, eu não acredito que num desenvolvimento sustentável no emprego, porque muitas vezes tu tens o dinheiro, mas, tu não achas o que tu queres comprar e a gente se alimenta é desses produtos que vêm da terra. Então é um desafio muito grande, não só pra aquela região, como pro Maranhão inteiro. O rio Tocantins não vai ser diferente. Então esses impactos que estão trazendo uma grande inquietação e um grande desafio e acima de tudo um desânimo para os agricultores familiares, que a gente apesar de toda a devastação do meio ambiente, toda devastação das florestas, nós ainda temos o babaçu, que vocês sabem que do coco do babaçu a gente tem uma variação de produtos. Da palmeira do babaçu, nós temos a palha, que além de cobrir a casa, nós temos o sabão, nós temos o sabonete, nós temos o mesocarpo de babaçu, que hoje é uma mercadoria vendável. Nós temos a própria amêndoa do babaçu que é vendável, nós temos o carvão sustentável que é da casca do coco, tirada a amêndoa. Então é um produto que dá vários subprodutos e eu acredito e chamo de uma produção sustentável. As pequenas roças que ainda a gente faz, ainda sustentam as famílias dos produtores, que sustentam as famílias dos agricultores. Tem amendoim, tem batata, tem a macaxeira, que tem a farinha, tem a tapioca tirada da mandioca. A casca da mandioca alimenta os animais. Tem o milho, que é uma grande alimentação para a gente e para o animal. Tem o feijão que o brasileiro não pode passar sem esse feijão na mesa. Tem a fava que é outro grão muito importante. Tem o gergelim que é outra coisa muito importante, quem conhece gergelim sabe disso. Que é muito importante também, é que é sustentável. É uma tristeza muito grande quando a gente vê os governos botarem quinhentos milhões de reais em uma empresa, enquanto a gente faz um pomar de três mil reais. Isso é uma vergonha minha gente. Para um Brasil em desenvolvimento, para um país em desenvolvimento, para um Estado que o governo diz que veio trabalhar para o povo, pelo povo. A gente faz um pomar de três mil reais, enquanto é passado para as empresas, duzentos, trezentos milhões de

reais. Então nós agricultores, quebradeiras de babaçu, sentimos o que com isso? Nós sentimos o que com isso?. Então. São os impactos que estão nos trazendo muita inquietação. E agora eu disse pros quilombolas de Alcântara o que nós fazemos para nos juntar, porque o que eles sofrem lá, nós sofremos aqui. Lá é de um jeito, aqui é de outro. Mas é a mesma coisa. Não tem diferença. Lá a briga é por uma base pra botar foguete e aqui por uma terra pra montar empresa. Qual é a diferença? Então o que falta é articulação entre os movimentos sociais pra que a gente grite.

Outro impacto que a gente sofre é a cooptação de pessoas que a empresa leva. A cooptação de movimento organizado que as empresas arrastam, oferecendo máquina pra quebrar coco, oferecendo caminhão pra carregar coco, oferecendo a terra mecanizada. Tem agora na Estrada do Arroz uma cidadã que eu acho que ela está aí na plenária da economia solidária que disse: ah eu colhi arroz esse ano na terra, que a empresa deu mecanizada pra nós. Mas tu vai continuar tendo essa terra mecanizada até quando? Que a CELMAR fez isso quando chegou na região. Eu vou começar minhas organizações do movimento sindical, das entidades não governamentais, das pessoas que se formaram agrônomos, a professor, a técnico em contabilidade, a assistente social desse povo que se formaram só na técnica. Eles não se formaram ideologicamente, aí eles estão se tornando hoje um cidadão de areia. Sabe o que é isso? A coisa de areia? Quando se constrói uma casa na areia. O que é capaz de acontecer quando vem a tempestade? Então, ela vai se desmanchar. Esse povo é de areia. Eles vão para onde oferece mais. E eu um dia disse, disse até fazendo *finga* de uns: “Eu tiro o chapéu pra Suzano, porque ela chegou com a técnica muito importante, pra quem é de areia, pra quem é Maria vai com as outras, ou João vai com os outros”. Oferecem dinheiro e o povo pensa: “Eu que vou ficar sem receber coisa alguma? Eu vou lá ficar nessas besteiras aí que eu ganho salário mínimo que não dá pra eu melhorar de vida, não dá pra eu comprar um carro, não dá pra eu comprar uma moto. Então eu vou é pra onde oferece muito dinheiro”. Então, são um povo que se capacitam só no técnico, mas política não tem. E é preciso as universidades, os colégios trabalharem esses dois lados da história. Tem que ensinar o povo o que é política, o que é ter posição, o que é ter postura, o que é ter segurança de defender o que tu queres. Então o nosso povo, as nossas organizações, muitas delas estão indo na conversa. Isso é um impacto muito sério. Quando a CELMAR, quinze anos atrás chegou na região e o sindicato dos trabalhadores rurais ficou sozinho. Dizendo que ali não tinha pra nós, ali ia ser um desastre. Ficamos sozinhos. Quando nós chegávamos num lugar pra fazer reunião, o pessoal olhava assim, sabe, “O sindicato da Querobina,

o MIQCB, vão já falar da Suzano, eu não vou atrás disso não, porque é onde eu estou recebendo bastante dinheiro, é onde a gente está recebendo viagem de carro, é onde nós estamos recebendo semente”. E quando eu citei o movimento sindical é porque nós, eu digo isso no meu sindicato, não é que eu estou falando... Eu digo isso no meu sindicato. A coisa mais errada que o sindicato faz, e aí eu posso entrar o Sindicato, Federação, é nós - do nosso lado, do nosso campo - deixar nossos companheiros e ir atrás de semente da Embrapa, porque nós não capacitamos o movimento sindical, porque eles são pra isso, porque nós não capacitamos os nossos agricultores para trabalhar as suas sementes? A Federação devia ter um banco de sementes famoso para distribuir semente para os seus sindicatos. Então, nós deixamos escorregar várias coisas, para que o nosso povo ficasse correndo atrás de coisa que está nos acabando. Dar uma semente que não é compatível com o solo aonde eu vou plantar, aí não dá arroz, não dá milho.

O que deu suporte para aquele povo foi o babaçu

Um impacto muito grande. Agora voltando, falando só das quebradeiras de coco babaçu, que é uma renda que contribui oitenta e cinco por cento da renda familiar dos agricultores familiares onde tem coco, vem do babaçu. Oitenta e cinco por cento, isso a pesquisa nós fizemos há quatro anos. Há quatro anos, nós fizemos uma pesquisa e conseguimos saber que oitenta e cinco por cento da renda daquele povo vinha do babaçu. Eles não compravam gás, que não tinha precisão, Tinha gente que comprava gás e passava seis meses com um bujão, porque não tinha necessidade disso. Só acende o fogo de manhãzinha para fazer o café e pronto. Quem vai deixar de cozinhar no carvão para cozinhar no gás? Então nós, precisamos valorizar nossas raízes. O movimento sindical deve jogar pesado nessa questão do babaçu, onde tem trabalho, onde tem sindicato, que tem coco, que tem quebradeira. Pelo amor de Deus, vamos investir nas nossas raízes. O meu assentamento agora no dia dezesseis, fez vinte e cinco anos e houve uma missa campal no meio do campo de futebol, quase o campo não cabia o povo que foi lá assistir a missa oito horas da manhã, com um bolo de vinte e cinco metros, feito pela comunidade. Não foi o poder público que deu. Fomos nós que fizemos lá a comunidade. Deu pra todo mundo, até pra porco foi bolo. E eu dizia que essa mesma coisa: “Não vamos abandonar nossas raízes porque nós chegamos nesse assentamento, o que deu suporte para aquele povo foi o babaçu”. Por quê? Quem é que sabe mesmo responder essa pergunta? Por quê? porque o

suporte que nós acampamos lá, que nós encontramos foi o babaçu, porque na hora que a gente chegou lá, tu vais pra debaixo de que? Não tem casa. E primeira coisa que a gente fez foi criar uma equipe pra tirar palha pra fazer barraco minha gente. Então foi o babaçu. Segundo suporte que deu aquele povo, eram duzentas famílias. Qual é a segunda coisa? Foi pescar. Nós não podíamos nem ir à cidade porque éramos invasores. Nós não podíamos pegar um carro não. Nós passamos nove anos sem poder pegar ônibus na beira da estrada, porque era invasor. Quem invade terra é ladrão. Porque esse segundo suporte foi um peixe dos igarapés, por isso não pode acabar os igarapés. Terceiro suporte, foi a caça que ainda tinha. A gente criava uma equipe que ia caçar porque não tinha como ir comprar carne, E o babaçu continuou sendo suporte porque as companheiras de lá, primeira coisa que a gente fez, além do barraco pra ir pra debaixo, foi um colégio de palha fechado e coberto de palha porque era menino demais. Aí tinham três companheiras que tinham magistério, aí essas companheiras vão ensinar os nossos meninos aqui. Com ajuda dos pais, nós vamos dar pra cada uma, uma fatiazinha pra elas continuarem todo dia dando aula aqui pra esses meninos não ficar sem nada. E elas quebram coco e se formaram, hoje são universitárias, quebrando coco, tirando azeite, vendendo e pagando o colégio que ela estudou. Então o que falta minha gente, que falta? São esses desafios que eu acabo de falar, estão acabando com isso, estão acabando. Os nossos governantes, o meu governo federal foi muito bom, Deus me livre de ficar sem ele. Mas foi péssimo pra reforma agrária!. Minha segunda presidenta foi muito boa, mas a reforma agrária Deus o livre!. Então, os governos que estão dando suporte para as empresas, não tão dando suporte para os trabalhadores e trabalhadoras. Que a reforma agrária se acabou. Então nossos governos são muito bons, nós nunca tínhamos tido uns presidentes iguais o nosso. Eu chamo o nosso porque eu tenho essa convicção de chamar nosso, mas, eu não deixo de falar naquilo que eu acredito e que eu defendo e que eles deixaram de fazer. Não tem bom, sem defeito. As reservas extrativistas ainda hoje estão se arrastando, tem delas que nunca deu um passo pra frente... Tem reserva extrativista que até hoje os pedidos entocados lá no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO). O governo não... o ICMBIO passa pra frente e não devolve pra trás e os assentados que acabei de falar ainda agora é outro ano!!! e a área onde eles estavam... já tinham feito perímetro, já tinham feito tudo!. O INCRA já tinha botado dinheiro até na conta da associação, que está sendo cooptada pela empresa Suzano, os trabalhadores que estavam... vá se a puta que pariu!. Então são muitos desafios, são muitos. É muita coisa que deixa a gente a desacreditar nos governos e na política. Hoje a empresa chega na região, primeirinho que elas fazem conchave é com o prefeito pra

não pagar imposto, aí botam umas cadeiras no colégio, paga professor... Lá em Imperatriz é o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA, se rendeu, eu digo assim... sem medo de ser feliz!. Pagou bolsa, deu bolsa pros estudantes do IFMA, quase todos pra fazer curso de papel e celulose.

Reviravolta nos movimentos: quem quiser sobreviver, tem que se juntar. É negro, é índio, é quilombola, é quebradeira...

Então minha gente. Nós precisamos dar uma reviravolta nos movimentos sociais, e é os movimentos sociais mesmos, não vamos mais apelar e nem confiar em política não, porque os partidos se fundiram. Hoje ninguém mais sabe quem é mais oposição. Eu sou petista, ajudei a fundar esse partido, nunca desfiliei e nem vou desfiliar porque um dia eu quero estar lá dizendo uma coisa, se eu desfiliar eu perco, eu perco o direito de ir lá dar o pitaco. Então não vou desfiliar, mas pense num desgaste que acabou com o meu figado, certo!! E nem vou dizer pra ninguém não votar nos petistas não. Voto nos petistas assim mesmo porque pode a gente dar a reviravolta, mas, eu continuo dizendo aos movimentos sociais que quiserem sobreviver: a gente tem que se juntar. É negro, é índio, é quilombola, é quebradeira, é pescador, a gente tem que se juntar. É o pessoal que trabalha com o barro, que nem sei como é que chama. Que trabalha com a produção de barro, um pessoal que trabalha com artesanato e toda variação da história. Se nós não nos juntarmos, vai ser difícil de nós continuarmos sobrevivendo, porque a tempestade é muito é muito grande, a oferta de dinheiro é muito grande, é um milhão contra dez centavos, porque nós somos dez centavos. E nós precisamos nos juntar. Diz os ditados dos mais velhos “Se tu junta esses papeis bem aqui, só um parte ele no meio, parte ou não parte? Mas se a gente juntar, eu fecho aqui, não parte esse diabo aqui não. Certo?”

A gente está meio improvisando, adiantando porque nós podemos estar aqui hoje, amanhã não estar. Amanhã vão ter outras conversas e a gente vai estar em outros grupos também. E... a grosso modo, sobre os impactos sociais e tem um impacto muito grande ainda, que não toquei deles, é a questão das doenças de alta “perigosidade” que os doutores não sabem nem por onde começar a tratar. E a gente sabe que não é Deus que manda isso não. Nós sabemos que isso é dos venenos de alta “perigosidade” que são produzidos, que são colocados no nosso solo, que escorre pra nossas águas,

pros rios, pros igarapés e que também está no ar essa poluição de veneno de alta “perigosidade”, está no ar. Quem é produtor, nem que não seja produtor, quem tiver um pé de laranja no quintal, tu vê a diferença de cinco anos atrás pra agora, a laranja que tu estás comendo. Ela mudou pra capa preta, cria uma ferrugem na casca da laranja. Aquilo ali se chama poluição e nós ainda tem uma sorte ainda que a laranja tem um gás na casca que ele não passa dali pra água da laranja. Ele fica na casca da laranja, por isso tu podes comer a laranja assim. Pode descascar ela, lava ela, escova. A casca da laranja pra remédio é obrigado tu escovar aquela laranja, bem escovada. Botar, até passar na água sanitária, depois passar em outras águas pra tirar a casca pra remédio, porque aquela capa preta que cria na casca da laranja é da poluição que tem no ar e que vem nos venenos de alta “perigosidade” que é feita as capina química pra um avião, onde estão os eucaliptos. Os limões do mesmo jeito, porque a gente não acha mais goiaba sem bicho? Porque a casca da goiaba é frágil, ela penetra tudo. Até as goiabas de vez tem bicho. Então isso é ciência de quem está no campo e bota memória pra funcionar. Então eu vou ficar por aqui pra perguntar, tiver alguém que queria perguntar alguma coisa, quem quiser também fazer alguma fala pra complementar. Tem ali um pescador, me parece. Quem quiser fazer alguma fala pra complementar é bem vindo. Nós queremos trocar ideias mesmo e eu estou aqui. Eu vou parando por aqui. (Aplausos)

CAPÍTULO IX

CARTOGRAFIA: O MAPA É UM RETRATO FALADO¹¹.

Nessa questão da devastação de madeira, devastação das altas florestas, o descaso nas comunidades. A gente todo vida falou assim com muita indignação e quando começou a questão do carvão na região. Começou pela devastação do sal mineral e a grande escala para o eucalipto, para a pecuária, para todas essas coisas. Ai o Alfredo Wagner procurou para a gente assim: “Como é que a gente vai botar, como é que a gente vai traduzir isso para as gerações chegantes?”. O pessoal que está chegando, os estudantes, pessoas de outra região que antes não se via em Imperatriz, que está começando agora. Como era essa cidade?. Quando a gente fazia daqui até o São Pedro da Água Branca, Açailândia, Amarante, aqui tudo era extensão de Imperatriz, não é?. E como é que a gente vai identificar esses conflitos?. Ai veio a ideia de produzir fascículos, né?. A gente faz panfletinho que o Davi mostrou ai, não é?. De que forma nós podemos começar a produzir o material de identificação. Foi quando surgiu a ideia de juntar pessoas com aptidão, porque ai não é dinheiro que faz isso, dá pra você sentir, porque se fosse dinheiro a gente estava aqui num hotel, como é que chama, cinco estrelas. É aptidão. Começou a juntar professor com essa aptidão. E essa que é a revolta. Como é que nós vamos botar isso no papel. Como é que nós vamos acumular informação pro futuro, não é?. Começou a juntar um daqui, outro acolá, estudante, também. Começou juntar essa figura e, ai quando traçaram a ideia de trabalhar a pesquisa, com a ideia da fazer um documento facilitador, porque tem um tipo de pesquisa assim: “Bom dia, bom dia entra pra cá, senta pra cá...” E aqui no movimento das quebradeira tem um livro. Claro que identifica, mas pra mim caboca que lia assim alguma coisa na marra. Pra outro que não tem hábito de ler, porque às vezes assim a gente sabe ler, mas não tem o hábito de ler. Você pega daquele e tu te desanima, né... E você pega um fascículo desse, em cima tem um braço com uma informaçãozinha. Tu começa a querer saber isso, se isso é de Penalva, é de Viana... E ai tu tem condições de ler melhor. Esse fascículo que o Alfredo Wagner chama de documento facilitador, de identificação. Então essa ideia começou ai. A gente

11. Participação na Oficina de Mapas do Projeto “Mapeamento Social como instrumento de gestão territorial contra desmatamento e a devastação: processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais”, realizado na cidade de Imperatriz, nos dias 6 e 7 de setembro de 2013.

começou esse trabalho com essa documentação de mapa. E o mapa pra mim é uma coisa de visibilidade. Quando a coisa tem visibilidade tem interesse de olhar. A visibilidade não é assim coisa bonita. Não é coisa que seja muito... “Rapaz, aqui era bem aqui no Olho D’água dos Martírios, mas ali só tem esse tiquinho de palmeira. Não, ali era um cocal fechado”. Ai tu crias aquele espírito de ter aquela visão do que foi devastado. Do que acabou. O que tu queres registrar aqui da Bacaba, que era um povoado. Morava gente há 40 anos, me parece. E hoje não tem mais. Quem passa ali achou que nunca morou ninguém. Mas se você bota isso no mapa. Isso aqui foi a comunidade, Tinha tantos moradores e que viveram aqui tantos anos e hoje não existem mais. Por que? Ai veio a curiosidade, também por que saíram dali. Então são essas coisas pra gente continuar vivenciando o que nós perdemos. Ainda outro dia na oficina que o Nova Cartografia trabalhou a Convenção 69. E que a gente se deparou com um artigo dentro da lei, que a gente dizia assim “Olha rapaz, o pessoal do Olho D’água, da Coquelândia é igualzinho os índios. É igualzinho os negros, porque que esse povo não se frecharam para lutar pelo que era deles?. porque eles têm direito de usucapião, porque eles foi quem criaram. Deixaram tudo por causa da falta de informação, falta de vontade política dos governantes, de quem se identifica como representante do povo. São essas e outras mais que nós tentamos alinhar para não cair no esquecimento de uma vez por todas. E o mapa pra mim é um retrato falado.

Estratégias da empresa Suzano: imobilização política

Todo pessoal que já trabalhou com a gente, eles correm atrás, porque ele sabe que essa pessoa tem a informação. Sabe onde é que está o povo, entendeu?. Mas, eu sou intrigada demais com isso. Ai como a Nair trabalhou com movimento num trabalho de conversar com as mulheres sobre a cooperativa. Eles pegaram a Nair para conversar com as mulheres. Pra dar entrevistas pra eles. Rapaz, eu fiquei... Ainda bem que na minha comunidade, quem eles conversaram, quem eles entrevistaram, só eu que participei do movimento. As que participaram do movimento não quer nenhuma lá, por isso que o grupo acabou, né?. Não tem mais nenhuma lá. E as que ainda existem por aqui. A Eli, essa menina que saiu daqui que trabalha com artesanato, e a Toinha que não estava lá. As outras que eles pegaram nenhuma participou do movimento e nem participaram de nada da cooperativa. Por isso que eu não me preocupei mais. Pegou só gente solto lá, que só fala mal das coisas. Ai eles foram conversar comigo qual era o melhor jeito de fazer

pra conversar. Ele queria conversar era com todo mundo junto, no local, eu disse: “Eu sinto muito, eu não vou articular”. Depois que eu soube, que eu descobri, que eu perguntei pra ele pra quem ele estava trabalhando, eu disse: “Sinto muito. Eu posso até lhe dá umas informações, dizer aonde é que elas estão. Mas articular grupo de pessoas, para fazer entrevista, para ibope da Suzano. Eu não vou fazer isso. Sinto muito”. Ele disse “Eu sei que seu problema. Eu também sou agrônomo. Eu sou contra esse tipo de investimento. Vou fazer o que faço parte do grupo que ganho a licitação para fazer esse trabalho. Eu tenho que fazer”. Eu disse. “Mas, eu não acendo duas velas. Eu só acendo uma. É por isso que eu não participo de nada, de nada, que participa da Suzano. Pode ser o melhor trabalho que for. Eu até hoje. Eu, eu estou no movimento porque eu nunca fiquei sabendo até aqui, que elas fizeram algum acordo pra fazer trabalho com a Suzano. No dia que fizer eu não falo, mas no nome do movimento. Mas não falo mesmo”. E ele foi. Começou me perguntar. Se nós sofria algum impacto etc. E, eu disse “Claro que a gente sofre impacto até da propaganda falsa que é feito pelos meios de comunicação. Que ai já está botando nosso trabalho pra baixo, porque elas oferecem muita riqueza, muito emprego enquanto nós não oferecemos, não é?. Elas oferecem muito investimento, enquanto nós não oferecemos. Até das propagandas a gente sofre impacto. Impacto mesmo nós sofremos é porque nós não temos mais nenhuma fruta sadia aqui. Não temos goiaba, o caju esse ano adoeceu todo. É a cajá está adoecendo. E a gente sabe que a poluição do veneno que é usado, esse veneno de alta perigosidade. Dos venenos que é usado na elaboração, na implantação desses grandes projetos. Então pra mim isso já é um dos grandes impactos. E que está deixando a gente sem alimentação. Arroz aqui, ninguém plantou mais, porque o arroz não dá mais. Não dá mais arroz. Que o arroz é frágil. Quanto mais chove, mais o arroz morre. Então ai também é outro impacto. Nunca apareceu um agrônomo pra dizer que doença é essa que está dando no arroz e porque está dando. O agrônomo que aparece aqui é pra fazer pesquisa pra Suzano”. É. Ele até sorriu nessa hora, né. Ai ele até perguntou se havia mulher por aqui. Como é que elas quebram coco. Como de costume. Como de costume. Que a gente quebra. Desde a adolescência. Desde quando a gente é jovem que a gente quebra do mesmo jeito que a gente quebrava antes. “E a dificuldade assim...”. E eu disse assim “Aqui nós não temos dificuldade pra isso, porque o coco é perto. Tem muito. Aqui na área. O coco é perto. A gente carrega e bota pra casa. Se não usa tudo do coco, porque não quer. Mas, saber até usar a gente sabe. Então aqui a gente não tem a dificuldade que a gente tem é só porque a juventude não quer trabalhar do jeito que a gente trabalha. Esse é o problema. E a gente já não tem mais muita força pra arrastar o coco do

mato pra casa. A gente não tem como carregar o coco do mato pra casa. Só no carro de mão, mesmo. É o transporte melhor que tem. Mas a gente não tem esses grandes sofrimento aqui não. Ali pra todo canto que a gente for o coco é perto. É longe assim, porque a área é grande. E a gente vai lá para aqueles lotes longe, mas você tem até condições de fazer barraco para ficar. Só não faz porque depois que as mulheres acostumaram quebrar coco perto de casa, pra está olhando grito do menino, para está gritando com menino, para está fazendo aquela coisa toda, não quer mais ir pro mato. É longe, mas não é longe. É um longe perto porque é na área que a gente mora. Né. Essas são as dificuldade que a gente tem aqui. E o outro impacto muito sério que nós sofremos é as vezes... já teve período que o pessoal deixaram de fazer. Ninguém achava diária de serviço. O povo tudo trabalhando na Suzano. Ninguém achava diária de serviço. Hoje já está voltando novamente. A gente já está achando, porque eles já despediram um bocado de gente. As “gatas” que trabalhavam para a empresa já, os contratos delas venceram. Eu não sei como foi. Saiu um bocado de gente. Hoje a gente está encontrando, mas teve período que a gente não encontrava de jeito nenhum uma diária de serviço. E o povo continua pobre do mesmo jeito. Não melhorou nada, pelo contrário fez foi a piorar que deixaram de fazer a mandioca, plantar o milho, plantar o feijão deles e, hoje estão comprando. Então, não melhorou. Hoje está comprando sem emprego. O outro impacto que a gente sofre também são as cobranças de gente que não enxerga adiante do nariz. Um melindre, não é?. Ai fica só dizendo “É. bem ai tem a estrada da Suzano, estrada boa, estrada não sei o que. E aqui nós não temos estrada”. Não sei, assim como quem... “Ah, era pra gente abrir as portas e botar a empresa pra fazer algum trabalho dentro do povoado, né?”. Então esses são alguns impactos que a gente sofre hoje. Impacto que eu acho que não é só meu. Eu, se a gente aprofunda isso, teoricamente eu, pra mim, que é um impacto e uma vergonha. Se tivesse de nossos governos não dá educação completa como o cidadão precisa, espera pra ver uma empresa pra dar curso pro pessoal, certo?. Que devia ser o governo que devia fazer isso. Não o governo se vender pra empresa a troco de conserto de colégio, conserto de estrada. É, conserto de não sei de que lá das quanta. E, elas não pagar imposto e dar curso em nome da empresa e botar uma placa delas até na camisa do pessoal. Eu, pra mim, essa é uma vergonha pro nosso governo. Eu fico com vergonha hoje. Então, eu, pra mim, é outro impacto que a gente sofre, muito sério, foram as informações que eu dei pra ele. Ele disse assim: “E o coco utiliza ele muito como?. Ai eu disse, não do coco a gente não perde nada, nem o cabelo que quando ele cai que quebra e, apodrece e, ai não perde. A gente não perde nada. Foi a informação que eu dei pra ele essas assim, mas foi muito mais batendo. Ai

eles vieram convidando para a finalização dessa pesquisa. Para dar o resultado da pesquisa, que eu sei que não é isso. Eu já conheço isso desde o tempo da CELMAR. Eles junta o povo, faz a lista de presença e dá comida, dá café, boas palestras, mostra o projeto bonito. Com essa lista de presença acompanha o projeto deles para os fundos, para os empreendedores, para os financiadores que financiam os projetos deles. É isso que eles querem, entendeu?. Quem quiser fazer essa pesquisa pode fazer. porque eles querem é só isso. Usa a população pra fortalecer o ibope deles com um trabalho social, dizendo que está fazendo um trabalho social. Eu estou procurando ver qual é o trabalho social que a Suzano está fazendo com essa população, que traga resultado, eu ainda não vi não. E ela está acabando de implantar a indústria, já testou até as máquinas que dali, de onde nós mora, a gente escuta a zoadá, imagina aquele povo que está lá perto.

Derrubada do babaçal nos assentamentos

A gente perdeu muito babaçal. Elas compraram as áreas e foram tirando algumas. O povo também que está futuramente pretendendo vender pra empresa. Agora mesmo um cidadão que fica mesmo dentro de um assentamento que eu moro, comprou. Ele tem uns três lotes lá, ele derribou o coco todo, todo, todo. É francamente uns oito alqueires de babaçu que ele derribou. Fica bem próximo do Olho D'água, mas dentro do assentamento Vila Conceição. Quando ele derribou o primeiro alqueire, nós fizemos uma denúncia em nome do movimento. Eu fiz uma denúncia, eu acionei o sindicato. Eu levei no Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis - IBAMA fui entregar para o IBAMA, para a Secretaria do Meio Ambiente. Para o Ministério Público. Um representante do Ministério Público disse para mim que só podia fazer alguma coisa se lá na Secretaria de Meio Ambiente fizesse uma pesquisa. E que dissesse que era um impacto. Ai ele podia fazer alguma coisa, ou podia dar alguma punição. Mas, diante disso ele não podia fazer nada. Olha então, a gente está praticamente se calando, porque não tem mais quem a gente recorrer aqui. Não tem. Tê falo com toda a honestidade. E, eu estou dizendo que não é só aqui, é no Maranhão. Não tem mais pra quem a gente recorrer. Todo mundo é aliado. O povo do prefeito aqui é tudo empregado da Suzano. Eu acho que a Secretaria de Agricultura é o foque. E a Secretaria do Meio Ambiente vive lá dentro. Não tem pra quem a gente recorrer. Eu até disse que hoje ia ligar para uma imprensa ai pra eu conversar com a menina pra ver se ela ia lá fazer uma

matéria ainda, porque eles tocam fogo nas palhas, deixam só os troncos, porque os troncos não acabam ligeiro, não é?. E quando eu fui lá já tinham tocado fogo nas palhas. Tá tudo lá. Tudo lá. O último que derrubou foi dois alqueires de babaçu. A gente fica muito indignado!. Ai vem o *fela da puta* da Suzano querendo conversar com as quebradeiras. “Como é que quebra o babaçu?” e tu dizes “Quebra não, porque já acabaram o babaçu”. Não é o contraditório isso?. É muito contraditório. Como é que estão acabando o babaçu e tu queres conversar com a quebradeira?. Então, eu, sinceramente, eu acho que a minha maior doença é isso.

Monocultura do eucalipto afeta práticas terapêuticas tradicionais

Na política que está sendo apimentada agora, além da devastação, da invasão das plantas e da monocultura, a política está investindo nas comunidades e tem que ter parceiro das grandes empresas que está trabalhando. A monocultura lá na nossa região está trabalhando nas comunidades tradicionais em milhares de assentamentos, qualquer comunidade tem que ter parceiro da empresa também plantando eucalipto. É trabalhado um veneno de alta perigosidade. Então ai desaparece o algodão que é uma planta que é conhecimento forte. A gente tem conhecimento de que o algodão cura qualquer infecção pode ser ela do porte que for, mas a gente abandonou. A hortelã, por exemplo, é um conservante. Eu conservei um menino morto na barriga morreu com sete meses e só nasceu com nove e nasceu perfeitoinho. Só com a hortelã é um conservante de alta qualidade que ninguém imagina. A hortelã é uma planta medicinal de alta importância para as populações tradicionais e que a gente abandona, não é?. para estar trabalhando outras questões que não tem nada a ver. Então são essas coisas pra quem está se formando, sabe para pesquisador trabalhar essas questões ai pra nós, porque nós vamos perder todo o resto que.

CAPÍTULO X

LUTA DE UM TOSTÃO CONTRA UM MILHÃO: É MUITA POUCA FAMÍLIA QUE PRODUZ PARA COMER¹²

Bom dia a todos e a todas! Eu sou Maria Querobina, sou mais conhecida como Querobina. Eu moro no município de Imperatriz em uma área de assentamento. Continuo no movimento das quebradeiras, sou sócia da cooperativa e sou uma das colaboradoras das pesquisas do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Então a gente continua na luta, a gente continua pensando em fazer alguma coisa, mas está muito difícil. As perseguições são muito grandes e a pior coisa do mundo é um tostão lutar contra um milhão.

Eu quero dizer que desde os primeiros momentos que funcionou a Nova Cartografia Social da Amazônia a gente colabora com a pesquisa. A diferença que a gente vê hoje é absurda. Os primeiros passos que a gente deu, vamos fazer uma pesquisa aqui, tem muita diferença. E diferença pra pior. Isso entristece a gente. Tantos pesquisadores, o MIQCB, a gente fez uma tempestade de pesquisa com um bocado de pesquisador bom, temos relatórios que tem muita informação boa e que hoje a gente volta lá, você vai ver um buraco. Aqueles primeiros lugares que a gente andou no primeiro momento, hoje se a gente andar a gente vê um buraco. E aí a gente está se informando, se formando e a coisa piorando. É uma coisa meio estranha. Na nossa região que a gente chama de “grande região de Imperatriz”, na época todos aqueles municípios eram municípios de Imperatriz. Parecem que são doze, se o espírito não me engana, que tudo era de Imperatriz. Hoje tudo já

12. Participação no “Encontro de pesquisadores e movimentos sociais do Projeto **Cartografia Social dos babaquais**”, realizado nos dias 16 e 17 de Julho de 2015, na cidade de Teresina – PI.

são outras cidades, outros municípios. E não tem ameaça só contra o babaçu, a gente sente hoje que a agricultura familiar, a roça no toco é muito ameaçada. Está acabando a roça no toco, com os discursos do governo, com os discursos do agronegócio, com toda coisa que está acontecendo de mundo afora. Eu digo assim, nós não estávamos preparados para a grande mudança que esta acontecendo no mundo. Na verdade, ninguém estava preparado pra isso, porque é uma mudança muito absurda. Hoje o povo come tudo comprado. Eu quero ver qual foi o município aqui que se apresentou... já foi muito município que já foi feito pesquisa para esse projeto, não é?. E eu queria saber qual o município desse que não come comprado. Então há uma diferença muito grande. É muita pouca família que produz pra comer. Os próprios assentamentos hoje, está muito difícil porque ninguém quer mais produzir pra comer, porque diz que fazendo uma roça de arroz gasta muito mais do que compra. São essas coisas que deixa a gente meio tonta. Ali naquela região de Imperatriz, como é o centro do grande dragão que é o papel celulose, o investimento é muito grande minha gente. Vocês não imaginam que professor, as universidades, os colégios, tudo tem investimento das empresas. Para professor, uma escola técnica que em Imperatriz até mudou o nome não é, porque é investimento da empresa. Na universidade a gente vai fazer uma discussão com os professores, depois a gente vê todo mundo assim com uma timidez tão grande de falar com a gente, que você não imagina, parece até que a gente que é o inimigo. Eles têm medo da gente. Eu não posso mais acompanhar o MIQCB e nem o Nova Cartografia Social pra buscar uma informação porque na hora que o povo me vê: “Oh, veio atrás de informação aqui”. Então é muito sério isso. Como é que a gente vai fazer o trabalho agora? Os movimentos sociais que deviam ser oposição a esse sistema, os sindicatos, por exemplo, que é uma ferramenta muito grande e organiza um público muito grande de gente. Eu não sei nos municípios de vocês, vocês vão me perdoar se o sindicato é opositor a essa situação. Se tem

um quando se cala, tem um que fala contra. Então se nós tivéssemos, viu dona Nice, se nós tivéssemos um sindicato que pegasse essa luta junto com as quebradeiras, eu acho que a gente estava contando aqui outra história, sem medo de ir pra cima não é?. Se não revertesse essa situação, mas pelo menos a gente estava aparecendo. Naquela região o desgaste foi tão grande que a gente deu pra trás 10 anos. E por que? Os investimentos de que já falei, nas comunidades as quebradeiras de coco, são de produção de mudas de eucalipto. E ganha dinheiro, sabe companheiras!. São contratadas. Estão contratando porque o eucalipto “broiou” e cortaram ele. E as mulheres como tem um jeitinho melhor pra trabalhar com essa coisa de muda, hortas etc, são quase todas contratadas ali na Estrada do Arroz pra fazer muda de eucalipto. Quem é que vai quebrar coco? E lá acho que é um salário, tem uma ajuda lá não sei familiar, se ela tem um filho ou dois filhos, aí já tem a bolsa família, ela vai quebrar coco? Me diz, vai fazer roça? É difícil, a nossa situação esta difícil. Eu não estou aqui querendo botar balde de água fria não, que eu estou é doidinha pensando aqui no que que a gente vai fazer. E eu disse assim: eu queria que a gente fizesse uma apresentação desse mapa lá na região de Imperatriz. Botasse nas universidades, para os estudantes, com professor, com sindicato, com todo bicho ali que a gente conversa, que a gente fala, botasse dentro de uma sala, mas como que a gente vai fazer isso? É preciso um investimento doido porque o projeto já não tem quase nada. É uma luta do tostão contra o milhão. Mas é preciso a gente dar um jeito nessa coisa pra gente falar isso na frente deles, porque é muito difícil a gente dizer o que a Cledeneuza disse: Vocês não estão fazendo mal pra mim só, vocês estão se matando. Os companheiros, os movimentos sociais ali daquela região, quem trabalhava no movimento social, hoje está tudo socado na empresa. A gente produziu, a gente formou pessoas pra trabalhar contra nós por isso que a gente teve uns anos atrás. Outra questão que é muito séria hoje é até a pecuária é ameaçada. Por que a carne está no preço que está? Aí alega

seca não sei aonde, alega não sei o que. É a carne, o gado que está ficando mais pouco, porque estão vendendo tudo quanto é terra para empresa plantar eucalipto, pra soja, quando não é soja é cana. Então minha gente, é um dragão. Tem uma música do Vila Nova viu?, que ainda hoje ela é novinha. Hoje ela ainda está novinha, zerada. Em todo lugar o bicho tá. Não existe um lugar pra ele não tá em grande escala. E aí o que nós vamos fazer? Dá pra nós brigar? Tem uma parte da música que eu não concordo, “é virar é virar é virar e botar pra brigar”...sozinho? Não dá pra brigar sozinho, só dá pra brigar hoje se nós tivéssemos nesse mundo um partido político que não tivesse vergonha de lutar junto com a gente. Se nós tivéssemos um movimento sindical que lutasse junto com a gente. Se a gente tivesse esses aparatos, a gente ia brigar. Mas só as quebradeiras sozinhas? Briga dela é com o homem dentro de casa, a gente se larga porque o homem está empregado na Suzano e eu estou quebrando coco e eu vou dizer que a coisa lá não presta e ele vai dizer: “E tu estás comendo de onde?” (risos) Não, a gente acha graça, mas está horrível esse negócio. Não está fácil não, minhas companheiras. É tudo concentrado nas mãos dessas grandes empresas. Para concluir, a Suzano criou um conselho de quebradeira de coco. Qual é o interesse da empresa? Ela coordenando esse conselho de quebradeiras de coco? Bota uns babacas lá no cafundó dos Judas pra fazer parte do conselho. Tem uma companheira nossa, nós trabalhamos juntas no CENTRU, ela hoje está em Brasília, num ministério não sei lá das quantas, ela me disse o seguinte: “Olha Querobina, a coisa está difícil pra vocês. No BNDES tem um projeto da Suzano que está lá dizendo que a empresa está coordenando conselho das quebradeiras de coco aí na região, e que o objetivo deles é buscar recurso para investir nas quebradeiras”. E por que? Porque só quem vai pra lá é quem diz amém pra empresa. Não diz nada contra a empresa. E o movimento das quebradeiras não aceita acender uma vela contra o desmatamento, contra a destruição e outra vela para empresa. Ninguém faz isso. Mas eu quero dizer para vocês

que eu acho que ainda tem saída. Hoje o povo tem celular até dentro dos banheiros. Eu não sei mexer com aquilo, mas muita gente sabe. Por que a gente não solta no mundo também aquilo que é do nosso interesse? Bota na internet, bota no whatsapp, que eu não sei chamar esse trem, bota tudo. Nem que seja assim, a gente vai ter que falar. Não vai ter outro jeito. Nós estamos acuados, porque nós vamos fazer um projeto desse, um investimento desse e um investimento que não é só de dinheiro não, o investimento é de vontade política dos companheiros que estão fazendo esse trabalho. A gente vai ter esse prejuízo pra dá em nada? Não vamos. Vamos ter que fazer alguma coisa. Vamos fazer igual essas universidades onde fica todo mundo calado. Tem um gato pingado que diz alguma coisa. Um tanto de gente que tem no mundo, nas universidades, é dois ou três que diz alguma coisa e com medo de dizer. Então em todo lugar o bicho tá. E a gente tem que dá um jeito nessa história. Eu, está com cinco anos, está com 6 anos que eu adoeci e não foi de outra coisa porque porta de entrada foi a CELMAR, que foi abrir as portas para a Suzano chegar. A gente pensando que CELMAR era uma empresa. Mentira! Foi só uma porta aberta pra ela vim se apossar. Eles falam: “não, vendeu porque não deu certo aqui”. Coisa nenhuma! Ali foi outra entrada para a outra empresa. E hoje nós estamos lá, o cemitério também está da Bacaba Velha esta lá, hoje é da CELMAR. Nem dia de finado ninguém pode meter o pé lá. Então, é uma coisa muito absurda. E a gente tem que fazer alguma coisa, não dá pra ficar caladinho assim aceitando. Vai sempre defender a empresa por um salário, vai sempre defender a empresa por um salário. Lá na minha comunidade, nós levantamos cinco pessoas, levantamos uma bandeira contra arrumar a estrada para passar os carros da Suzano. Olha Cledeneuza, nós ficamos, francamente, três a quatro meses na comunidade porque não tinha com quem nós conversar. Fomos correndo atrás do INCRA, correndo atrás não sei de quê. Mas nós empatamos e hoje eu digo é assim: “Eu estou arrependida de não ter deixado os carros da Suzano passar

24 horas por dia que eu queria ver filho de uma égua ainda dormir (risos)”. Tem hora que a gente deseja o mal pra gente mesmo porque o povo é muito irresponsável. Não enxerga a venda aqui um milímetro. E hoje as comunidades todinhas lá gritando, pedindo socorro. São Pedro da Agua Branca fez um protesto empatando os carros passar dentro da rua. Vila Nova teve um protesto. Mas eles têm máquina, tem tudo e no mesmo dia eles fazem arroteio e a gente não tem nada né. Agora os financiadores que financiam essa migalha do projeto também tá financiando a empresa. É o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES que deveria financiar o trabalho, financia a empresa. Outro dia fizeram de conta lá, fizeram uma reunião pra fazer um projeto é de galinha, é de porco, é de não sei o que. A Fundo perdido viu?. Apareceu uma empresa, pra financiar através da empresa pra comunidades, projeto a fundo perdido. A maioria das comunidades lá está fazendo. A fundo perdido, não sei que empresa foi essa que eu perguntei para o pessoal que participa do conselho da Estrada do arroz, mas ele não soube dizer. Qual era a empresa que veio pra Imperatriz com projeto, através da Suzano, para as comunidades a fundo perdido. Ai nós estamos ferrados, entendeu?. As nossas forrageiras estão parando, a minha mesmo eu mandei desligar a energia porque as mulheres quebram coco e vendem pra uma mulher lá perto de lá que compra e pega pra vender em Goiânia. Eu vou parar por aqui, mas se vocês soubessem o tanto de informação que tem, é horrível.

CAPÍTULO XI

ESTRADA DO ARROZ: ESTRATÉGIA EMPRESARIAL PARA APRESENTAR PROJETOS SOCIAIS¹³

Os agentes de desenvolvimento econômico do município estão doidos procurando, inclusive aqui a gente já teve uma conversa com eles, porque eles estão doidos indo nos povoados procurando o que o povo quer, o que o povo está fazendo, tudo doido sem saber por onde começa. Tudo desinformado. Tem um que é empresário, pelo que eu sei, uma outra trabalha com a questão social, mas, muito deslocada. Aquele movimento social da cidade que bota as mulheres para fazer bonecas e fazer essas coisas assim. Então, estão doidos pra que a gente de imediato arrumasse um grupo pra trabalhar com eles com artesanato. Ai eu disse que não é assim, as coisas não funcionam desse jeito. E com referência a estada do povo da Estrada do Arroz, eu acredito que eles estão muito bem, porque o pessoal abandonou o sindicato, abandonou o movimento das quebradeiras etc. Tem lá um fórum, um conselho das quebradeiras que são coordenadas por eles lá, aí eu não tenho muita informação de como isso funciona. Ainda tem alguns grupos de movimentos por lá pela Estrada do Arroz, mas, muito pouco, muito pouco mesmo. Como eu estou falando, as coisas estão deixando muito a desejar. A gente não tem perna pra acompanhar e não acha pessoas disponíveis e que queira encarar nem as discussões. Quando a gente começa a fazer discussão, quando a gente dá uma alavancada nisso daí o povo fala logo em pedir patrocínio de empresa, aí eu me encolho, porque eu já disse várias vezes: “Eu vou ficar num lugar até no dia em que fizerem acordo com a empresa de papel e celulose”. Eu ainda vou falar no movimento até quando elas fizerem parceria. Quando fizer, eu estou fora. Eu vou me aquietar, já estou velha mesmo, eu já sei que a gente não tem mais muito de como contribuir, porque do jeito que as coisas andam e estão a gente vai ficar falando de graça, porque a gente fala num rumo, mas, as coisas estão indo em outro rumo né?. Ai eu tenho pouca informação de lá. Um tempo desse o seu Viana, que é um delegado de um sindicato que mora lá na Matança, lá na beirada da empresa. Ele teve aqui numa reunião do sindicato, ai ele disse que no momento estava muito ruim,

13. Entrevista concedida, no âmbito do Projeto Brasil Central, no STTR de Imperatriz, no dia 30 de janeiro de 2018.

o mau cheiro disse que é muito ruim, mas, o pessoal acostuma com o que é ruim. Ai depois ele disse que tinha uns agentes que estavam trabalhando a questão social da empresa que estavam conversando com as comunidades lá, com o povo dos povoados pra fazerem pequenos projetos de criação de porco, de criação de galinha e de não sei mais o que, umas coisas assim. Aí eu não vi mais ele, não tive mais informação se fizeram ou se foi só “H”, porque esse “H” eles fizeram em outro período, mas, o povo esquece ligeiro demais, né?, porque no tempo que eles cadastraram as quebradeiras, eles cadastraram dizendo que iriam dar ferramentas para elas trabalharem, iam dar o transporte para elas carregarem o coco e iam dar o local para eles colocarem os cocos e eu acho até que na Coquelândia parece que elas conseguiram um galpão, não sei como foi lá, eu não tenho muita informação sobre isso. Naquele período que eles estavam cadastrando as mulheres quebradeiras para futuramente eles criarem o conselho como criaram pra empresa está muito bonita na foto lá, para mostrar seus projetos sociais, eles fizeram várias promessas, ai eu acho que eles cumpriram muito pouco e o povo esquece, ai quando eles querem levantar outros projetos, eles vão de novo. Essa é a estratégia da empresa, quando o projeto está esgotando ai eles fazem relatórios, fazem encontros com as quebradeiras, como fizeram parece que em dezembro se não me engano, fizeram lá um encontro parece que um coquetel, fizeram umas coisas assim, fizeram uma festa das quebradeiras e sortearam um monte de coisas para as mulheres. Então o pessoal está bem, né? Se a vida boa é assim (risos) é bem capaz deles estarem bem.

Sindicato sofreu vários embates: começando tudo de novo

Agora que fizemos um encontro no final do ano. Fizemos esse encontro em dezembro que é pra gente planejar algumas coisas. Têm algumas coisas planejadas já do sindicato, mas, a gente vai às reuniões nas delegacias e ajunta quatro, cinco pessoas. Por mais convites que você faça de casa em casa. Tem uma delegacia aqui da Lagoa Verde que tem um rapaz de uma voz, a menina bota pra colocar na voz a reunião, é da delegacia do sindicato é pra tratar de vários assuntos da categoria e não tem interesse do pessoal e não vai. Ai você ajunta aqui, vai par o Olho D’agua, junta seis, cinco pessoas, vai na Coquelândia é a mesma coisa e assim sucessivamente. Está um caos muito grande. Ai quando a gente fica sem saber qual vai ser o planejamento que a gente vai levantar esse povo. A gente está meio perdido nessa história, né? Ai nós fizemos

um mínimo de um planejamento aqui, pra ver se a gente não vai deixar fechar as portas que o sindicato aqui sofreu vários embates, não sei se vocês ficaram sabendo. Foram muitos embates aqui e teve até polícia federal. Não foi presa a diretoria, porque todo mundo se explicou, mas, era pra fechar o prédio, certo?. E daí foi que passaram uns dias e aconteceu a eleição e nós viemos para cá nesse emaranhado de coisas que está com dificuldade da gente levantar novamente algumas questões. Mas no planejamento que nós fizemos, foi feito um planejamento geral. A gente não especificou secretaria porque ainda não dava ainda, por conta da gente ainda não estar com pernas, ainda não tinha jeito de a gente planejar o trabalho da secretaria de informação, o trabalho da secretaria agrária, ainda não deu para fazer o planejamento para cada setor. Fizemos um planejamento geral até por conta do orçamento que foi feito. Que na verdade, se a gente não souber administrar as coisas que se arrecada, a gente vai entrar num colapso. Então nós nos estreitamos aqui, a gente não está recebendo coisas, os diretores e todos os executivos, a gente não teve como dizer que eles iriam ganhar um salário mínimo por que não tem como tirar de onde. Ai a gente fez um planejamento nesse aspecto ai para gente se mantendo por aqui. Todo mundo trabalha, o Carlinho têm um lote e é o presidente, vive do trabalho dele hoje. O Antônio Lima trabalha no lote dele, precisa estar desenvolvendo, senão a família dele fica sem comer. Ai a gente não pode dizer que vai ficar permanentemente aqui e fazer só isso, porque nós vamos passar fome, aí não tem jeito. É preciso a gente estar associando as duas coisas, associando o trabalho do dia a dia pessoal e o trabalho aqui no sindicato por enquanto. Ai nós fizemos um planejamento para o futuro, porque a partir desse mês que vem a gente vai estar nas delegacias dizendo que a gente não sabe muito por onde começar, mas vai começar. Nós vamos ver a possibilidade de montar uma feira da agricultura familiar aqui no sindicato todo o final de semana. Pra isso a gente tem que cadastrar os agricultores. Nós não vamos deixar livre, porque sabemos que o agronegócio aproveita tudo. O povo que vive aqui na cidade em é capaz de dizer assim: “Amanhar nós vamos lá para o sindicato”. Aí nós vamos cadastrar as pessoas que vem trazer o produto da agricultura familiar. Não é produto comprado lá no mercadinho e trazido para vender aqui no sindicato. A gente vai trazer a mandioca, a farinha, o feijão que a gente produz, que é o trepa pau, a banana e assim sucessivamente, o que tiver dando. Esse foi um dos planos que a gente ainda está adoçando ainda essa ideia. Não vai ser com muita gente porque em Imperatriz não tem mais área rural. Esse é outro gargalho. E tem muito pessoal aqui nos povoados, mas, são um pessoal

que são tudo embebedado com o emprego da empresa. Esse tempo está na empresa e amanhã está desempregado. Esse povo vai ter produto, mas, a gente vai saber pois vamos cadastrar, assim mesmo, nas delegacias. E são muito embebedados com essa ideia do emprego provisório que nem está tendo quase agora porque, na verdade, a empresa já se montou e não têm mais aquela coisa. Ela está fazendo muito H no campo porque ela precisa estar mostrando nos relatórios que eles fizeram, para as fontes financiadoras que eles fazem o trabalho social. É por isso que eles vivem fazendo H no campo. Eles precisam estar mostrando nos relatórios os projetos que acompanham os incentivos financeiros da empresa e eles precisam mostrar o lado social da empresa, aí eles continuam fazendo um “H” aqui e outro acolá. Mas a maioria na Estrada do Arroz hoje é todo comprometido com a empresa. Não faz nem um trabalho, aquelas coisas assim e tal, mas, você sabe que está todo mundo comprometido, não rompe e não têm ideia. Nem diz assim: “A gente vai fazer um trabalho e não vai ascender as duas velas”. Não têm isso. Então nos povoados o pessoal quase todinho quase alienado. Estão mais ou menos assim, que a gente percebe por longe que eu não ando muito por lá pra tá vendo mais por perto. Essas informações são as que temos aqui e acolá é mais ou menos por aí. E isso quando se tratam do campo. Aqui na cidade eu acho que não está diferente da capital do Maranhão, porque as próprias universidades, porque conversando com os companheiros, parceiros da gente, está todo mundo caçando por onde começar outra história. Mas o pessoal está desanimado mesmo, não é brincadeira não. Aí todo mundo querendo se assegurar nos seus empregos. Quem é professor está querendo permanecer com seu trabalho e assim sucessivamente. Então está uma coisa assim que deixa a gente meia torturada. Um dia desse a gente conversando com umas cinco pessoas, eu disse assim: “Eu tinha previsão de viver 90 anos, mas hoje eu já estou dizendo o contrário o que tá acontecendo da pessoa viver 80\90 anos vai viver 50\60 anos” a pessoa me disse. As coisas tem torturado a gente.

O que mobiliza alguma coisa é a esperança

Hoje eu estou vendo uma luz muito apagadinha no fundo do túnel, muito apagadinha. Não sei se nós vamos conseguir, mas, resta arregaçar as mangas.

Eu acho que o que a gente consegue e ainda está conseguindo conversar e mobilizar alguma coisa é a esperança. No caso do sindicato, e eu estou vendo isso com poucos dias que eu cheguei aqui, nós estamos com uma diretoria despolitizada. Muito despolitizada. Tem alguém que tem participou de várias coisas e ainda tem aquela coisa de muito pensar em se melhorar. É o que a gente percebe algumas vezes que a gente conversa. A gente percebe isso. Mas em torno do social de ir para o embate nós vamos porque o povo está precisando, nós estamos precisando e para alavancar é muita pouca gente. Têm muitos que abandonaram o sindicato. Eu percebo isso, quando a gente conversa com as pessoas a gente percebe, né? Teve uma diretoria aí pra trás que eu acho que eles se arranharam muito na questão política. Eu não cheguei a saber a fundo a coisa, mas, eu percebi que eles se arranharam. Eu, às vezes, tento conversar para fazer entender que não é todo mundo que está aqui que faz a mesma coisa. Estamos levantando todas as lideranças antigas pra gente juntar aqui um dia para uma conversa, para ver se nós descobrimos uma forma de um conteúdo político, ideológico, teoria e prática, pra ver se a gente continua se articulando, porque dispersou de uma vez por todas. Ninguém sabe o que o sindicato da Vila dos Martírios faz. Hoje quando a gente sabe que faz alguma coisa, nem procuram a gente para conversar. O sindicato do São Pedro da Água Branca, ainda agorinha eu falei com a Maria Pereira e ela disse que está doente e seu Manoel está operado e ela vai ver se tem alguém do sindicato lá que queira vir. Agora eles não participam de reunião nenhuma, ela disse logo pra mim isso, que o povo não participa de reunião nenhuma. Os sindicatos da Cidelândia estão fazendo muito, mas, está fazendo lá para eles. Eu não sei se a gente que não está indo ou eles que não estão vindo, se não tem um coisa que junte. Isso é o que eu percebo, não tem, digamos assim, um objetivo que o povo se junte para trabalhar, assuntos que digam respeito aos nossos idealismos. Quando se junta os polos sindicais é só para falar quem pagou, quem quitou, se tem dinheiro, se não tem. O movimento sindical nasceu para trabalhar uma autonomia da categoria, porque se você veio para fazer acordo, vai fazer acordo com a empresa, você vai fazer acordo com prefeito, você vai fazer acordo com todo mundo. Você faz um sindicato muito bonito com estrutura boa, mas, a ideologia o povo não vai adquirir. Essa que é a verdade e eu toda minha vida disse assim: “Na minha concepção o movimento sindical no Maranhão era quem prestava semente para o agricultor, não era os agricultores irem para a Secretaria de Agricultura pegar semente não”. Eu tenho muito isso, eu tenho convicção disso e eu me decepiono. Todos os anos a associação lá da minha cidade chama por quem vai querer milho, quem vai querer arroz, quem vai querer quanto. Aí vem para a Secretaria de Agricultura com o papel na mão para

pegar semente, pois, o pessoal não planta mais arroz aí é porque a terra não presta para pegar milho, tem caroço, mas, não tem massa. Esse milho híbrido não tem massa, quem tem massa é o milho comum, aquele nosso. Por aí você já começava o rompimento porque você não está se humilhando. Tem que dizer: “Rapaz vocês tem a semente, nós também temos e a nossa é boa, está aqui nossa semente e tal” -. Tenho certeza que se trabalhava isso tranquilo. Ai o resto das outras sementes você iria trabalhando. Nas próprias comunidades era semente de mandioca, você plantava uma linha de mandioca para tirar o pau da mandioca para dá para todo mundo, aí você tinha, mas o movimento sindical não trabalhou isso nunca e está difícil. Não volta essa coisa. Não estou desiludida, mas, tem um ditado muito antigo que diz que um raio não cai no lugar duas vezes. Então são essas ideologias que a gente aprendeu antigas, quando a gente trabalhava aquele conteúdo a diferença do trabalhador para o patrão, a relação do patrão com o trabalhador, ficou muito clara para mim: “Você não pode fazer acordo com o patrão porque você perde e perde bonito”. Você perde grana, você perdeu tempo de trabalho, se não quiser perder mais coisa tenta se aliar e ficar por ali e fingindo que está tudo bem. Então essas coisas que o movimento sindical lutou muito por terra no Maranhão, não lutou por outra coisa. Hoje quem deita e rola nos assentamentos é a direita. Então hoje eu estou vendo uma luz muito apagadinha no fundo do túnel, muito apagadinha. Não sei se nós vamos conseguir, mas, resta arregaçar as mangas. Mas está devagar. O povo só se mobiliza quando, hoje a mobilização é o grito da terra, quando vai para lá, é a Marcha das Margaridas, aí o povo fica estirando a cuia para nossa prefeitura para alugar carro, pedindo carro para fazer os movimentos. Não, quem tem que ajudar é eles, eles que têm que ajudar, esse é o discurso, porque a gente paga imposto de tudo e eles é que têm que ajudar mesmo, mas quando eles ajudam e que você não vai junto é interessante, agora quando você vai junto é uma desgraça, né?. Aqui nós não planejamos nada na Secretaria de Mulher, até porque a gente olhou de um lado para o outro e não olhou bagagem para fazer isso, aí pode ser que no próximo ano a gente possa fazer alguma coisa.

Nós temos que lutar por uma autonomia, vamos buscar outros parceiros

Eu tinha vontade de ir ao museu que a Suzano fez. Esse museu foi patrocinado pela empresa. Tem um assentamento aqui na beira da estrada que chega aqui na Califórnia, tem uma biblioteca da empresa, que a empresa

patrocinou. O que eu quero dizer é o seguinte: tem lógica todo o movimento sem terra que luta pela bandeira de luta, tu vai preso, tu vai desgraçado, tu vai tudo e aí está num negócio desses e aí qual é o teu pique de tu criticar a empresa com ela patrocinando algumas coisas com o assentamento, entendeu? Então são essas coisas que eu estou dizendo. Eu não tenho pique de ir pedir um patrocínio. Aqui um dia desses uma pessoa entrou aí e disse: “Gente, peçam um patrocínio para a Suzano para vocês cobrirem aquela banda de casa acolá” que eu acho até ... (risos). Eita meu Deus!, eu sei que pra ganhar a opinião pública eles fazem o diabo, mas, é o meu papel como uma pessoa que vem das antigas nessa luta, é o meu papel fazer isso? não é, gente!.

Nós temos que lutar por uma autonomia, vamos buscar outros parceiros. Pra um curso de formação, vamos pedir apoio da Nova Cartografia, pra gente fazer um curso, vamos pedir a uma pessoa da universidade pra gente discutir nessa época dos parceiros, as assessorias in loco é que estavam junto com a gente. As assessorias in loco estavam com a gente, aí a gente melhorava a visão, melhorava a dobradinha, melhorava tudo. Não tem nada. Eu para fazer um documento... eu estou morta de tudo, nós estamos com uma bandeira de fazer um abaixo assinado para entregar para o Flávio Dino pedindo um posto policial naquela margem ali, porque a violência ali virou de perna pra cima. Tu não tens mais tranquilidade de dormir no assentamento. A meia noite passa nego fazendo cavalo de pau no meio da rua, quem são? Pode ser o filho do posseiro, pode ser um morador, mas, pode ser um bandido que bota a cara fora. Tu tens segurança? Tu não tens. E tu acredita que nós já fizemos três conteúdos e parece que ainda não está funcionando, porque a gente não tem uma assessoria para ajudar a gente. Aqui nós não temos para quem recorrer para ajudar a gente a ler e alinhar um documento mais bacana, que eu vou até apresentar para vocês depois. E eu estou agoniada porque esse final de semana, a gente iria tirar para marcar as conversas com os povoados, pra ver quantas pessoas iam assinar nesse abaixo assinado, pra ver com alguém pra marcar uma audiência. Aí disseram pra mim: “Não, isso é com o município, não tem nada a ver com o Flávio Dino esse posto policial”, “Desgraça, então! vão dar um jeito de mandar para ele, pois eu não volto não!”¹⁴

14. Querobina conseguiu entregar o documento ao governador do Maranhão, Flávio Dino, no dia 2 de fevereiro de 2018, durante a solenidade de posse dos gestores da UEMASUL. Esse documento foi elaborado após o assassinato da liderança Luís Preto.

A emboscada que matou Luís Preto

Luiz do dos Santos Silva, militante do STTR e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST de Imperatriz, desde 1987, com forte atuação na luta pela fazenda Criminosa, hoje Assentamento Itacira/Vila Conceição. Ao longo desses anos, Luís Preto, como era carinhosamente chamado, construiu uma família de militantes. Sua filha, Letícia Viana, é uma das coordenadoras do setor de produção do MST/MA, os filhos André é militante do coletivo de Direitos Humanos do MST e Humberto Viana participou da organização da Escola Florestan Fernandes, em Guararema – SP. Sua esposa, Maria da Penha, é uma educadora da reforma agrária desde o processo de acompanhamento, em meados dos anos de 1980 (NOTA DE PESAR DO MST, Dia 18/12/2017)

Lá aconteceu uma emboscada. A morte do Luís foi muito triste. Eles tinham uma festa na Vila Conceição II. Não era todo dia, mas, tinha dia que ele tomava umas latinhas. Quando ele bebia ficava todo participante. Ele era participante das coisas políticas, era um cara político. Todo dia quando amanhecia o dia eu ia lá, ele estava vendendo pão. Na casa dele ainda vende pão pela manhã. Quando eu chegava lá ele me dizia assim: “Querobina quando eu desocupar daqui vou te mostrar um negócio aqui que tá na internet”. Todos os dias desde quando começou a perseguição contra Dilma. Todo dia o que saía na internet ele me dizia muito angustiado. Petista doente. Ele foi do movimento sem terra umas épocas, depois ele deixou, foi do sindicato, depois ele deixou de ser delegado do sindicato. Hoje ele vivia mais com o apoio da família, a mulher dele foi diretora de uma escola lá quase trinta anos, agora que ela saiu, não quis mais. E ele vivia mais era... (pausa) era o porto seguro da família. A esposa vivia mais era no colégio e na rua, a filha dele é do Movimento Sem Terra, a Letícia, do Movimento Sem terra mesmo, assessora daquela cooperativa que eles têm. O André, filho dele, é advogado, tem escritório aqui em Imperatriz e o Humberto é profissional, motorista de caminhão. Ele trabalhou uma temporada para a Suzano, de pé atrás naqueles caminhões, carregando madeira e foi... foi até que saiu. Ele passava muita coisa para gente. Era bom quando ele estava por que vivia ganhando, mas, não se rendeu. Ai depois saiu, virou e mexeu e depois foi trabalhar pra acolá, no Piquiá dos baianos, o Humberto, filho do Luís. E o seu Luís vivia ali, pois, era

o porto seguro da família. Um militante velho antigo que nunca deixou de conversar, nunca deixou de fazer a militância dele, era um cara que tinha um encontro aqui do PT e era um articulador. Ai ele bebia umas pinguinhas aqui e acolá e !divergia muito com a Penha que era mulher dele porque ela ficava doente, Vixe!. Ai nessa noite, que foi no dia 17 de dezembro, os meninos estavam todos em casa estavam Leticia, o Humberto e estava o André. Ai seu Luís, tomando umas latinhas ali e Pincel, que é namorado da filha dele, um advogado também estavam lá fazendo um churrasquinho na casa do Luís. De pessoa de fora que estava com eles era eu e a menina do Valdinar. Quando tem festa assim nessa ribanceira, tem um cantor, o Renê lá que quando vai em toda vila o povo parece que quer ir atrás porque ele é um bom seresteiro. Ai tinha uma festa na Vila 2, mas, não era o Renê, era desses pancadão. Ai o povo tudo foi para a Vila 2 e não tinha quase ninguém no povoado. O Luís meteu umas latinhas na boca da noite e ficou por ali, comeu por ali, tirou um retrato com a família, o derradeiro. Ai seu Luís pegou a moto e deu um rolê no povoado e viu que o povo estava tudo para Vila 2 e foi em casa e trocou de camisa e pegou a moto e foi para a Vila 2. Chegou por lá foi no pancadão e viu muita gente da vila brincando por lá e eu acho que estava confiante, né? com eles lá. Mas tinha um grupo lá de malandros que diz que rolava lá - e meu ódio é esse: estavam lá desde cedo na Vila 2 – e o povo viu e sabia que os caras não eram de boa gente. Acho que não disseram nada pra ele. Ai ele foi por lá num boteco e bebeu umas duas lá e o rapaz disse que ele deu o dinheiro para ele trocar 10 contos que ele deu para o rapaz e ele deu de troco de 5 reais de moeda, “Ah, isso aqui é bom demais para os meus pães!”. E os caras bem na bituca do pé. Ai ele disse: “Agora eu vou em casa que a velha está fazendo aniversário hoje e se eu não chegar antes da meia noite ai ela vai dá o chilique dela”. E seu Luís pega a moto, segundo o rapaz da quitanda lá e era 12:40h, quando ele pegou a moto e saiu e os caras foram atrás dele e mataram. Torturaram ele. Tiraram um tampo da cabeça dele desse tamanho assim (ela fez uma representação de como foi), o povo diz que foi bala, mas, não foi bala não. Tiraram esse tampo da cabeça dele, deram dois tiros no peito dele. O perito disse que só um tiro tinha matado ele, disse que atravessou o coração de um lado para outro. Isso na estrada, mais perto da Vila 2. Olha não dava uns 60\80 metros da última casa da vila onde mataram ele. As famílias mais de perto escutaram os tiros. Não tem explicação nenhuma. Levaram a moto, mas a moto velha dele levaram e deixaram no caminho depois, pois, era muito velha e levaram a moto para ir

embora. E eu tenho certeza que a morte de seu Luís não foi só para roubar a moto, tudo indica isso, mas ninguém admite. É por isso que a violência está assolando cada vez mais. Seu Luís era muito conhecido de todo mundo, ele era um cara bem articulador. Ele foi do sindicato um bom tempo, foi delegado do sindicato sempre teve uma relação com a gente muito boa, sócio do sindicato. Por toda vida não teve *cri cri cri* nenhum com a gente.

POSFÁCIO

É A ESPERANÇA

Durante o último trabalho de campo realizado no âmbito dos Projetos de Pesquisa “Cartografia Social como Estratégia de Fortalecimento do Ensino e da Pesquisa Acadêmica: Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia e Projeto Mapeamento da Região Ecológica do Babaçu” em que se insere a produção deste livro, em conjugação com as atividades do projeto “Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central”, em janeiro de 2018, na denominada “região de Imperatriz”, D. Maria Querobina da Silva Neta, ou Querobina, como nos referimos na relação com ela, responde com as mãos entrelaçadas, e de forma reflexiva e ativa à pergunta sobre o que considera que mobiliza os movimentos, e o que faz com que se mantenha na luta. Diante do seu relato da vigília que ajudou organizar na data do julgamento do ex-presidente Lula, ela nos responde que considera ser a esperança o fator mobilizador e de organização.

Ela nos fala a partir de um dos lugares que expressam a sua capacidade de produzir conhecimento, de reinventar o seu fazer político e de manter-se atualizada, como mostram as narrativas neste livro; esse lugar no momento é o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz, onde exerce a função de Secretária de Formação, Organização Sindical e Mulheres Trabalhadoras de Imperatriz. Mas ela não é quebradeira de coco babaçu? Sim, ela é. Essa identidade e a de trabalhadora rural, com as quais se autoidentifica combinam de forma coerente a sua trajetória, a sua atuação no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB e expressam a atualidade da sua luta.

Há uma literatura que discute a emergência dos novos movimentos sociais a partir dos anos 90, e certo deslocamento das identidades objetivadas em momentos sociais predominantemente dos sindicatos e entidades gerais para formas organizativas específicas. Querobina articula posições entre quem tem esperança, quem tem um futuro em perspectiva como trabalhadora rural e como quebradeira de coco babaçu, que a conhecemos em 1993 durante

trabalho de pesquisa que reunia entidades sindicais, confessionais, ambientais e de direitos humanos do Estado do Pará e Maranhão e pesquisadores, denominado “Seminário Consulta”, e posteriormente, “Fórum Carajás”, que objetivava estudar e visibilizar os efeitos de grandes projetos, especialmente, vinculados à mineração, projetos de infraestrutura e agronegócio ao longo da Estrada de Ferro Carajás. Querobina, uma das lideranças, e com quem nos reencontramos nos anos 2000 construindo junto o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – PNCSA incidia de forma efetiva nas situações sociais, realçando estratégias que combinavam ações específicas com o processo de transformação que alterava modos de vida e usos do território por povos e comunidades tradicionais.

A capacidade de formular, de refletir criticamente traz uma dimensão do sentido que as lutas na região de Imperatriz, e lutas mais gerais em que se inserem povos e comunidades tradicionais aportam um conhecimento ao PNCSA nos estudos realizados. Desde orientações de direção, que convergem com a pesquisa, de estímulo ao trabalho engajado e colaborativo entre pesquisadores e movimentos sociais, ao afeto com que nos acolhe sempre nessa trajetória de cartografia social manifestam a posição diante do mundo, das situações concretas de forma lúcida e situada. Nesse sentido, é que a pesquisa vai sendo forjada nessa relação em que o STR nos parece redefinir a forma anterior de atuar, de exercitar prática sindical em que Querobina se coloca como expressão dessa redefinição. Nos últimos dois anos estive conosco na “região de Imperatriz” especialmente, em Imperatriz (MA), em Amarante do Maranhão, e em Campestre (MA), juntamente com D. Maria Eunice da Conceição, coordenadora regional do MIQCB. O que se evidencia nesta região, particularmente, em Imperatriz e Campestre, nos acena para um sindicato potencialmente como um lugar de ação que responde à pressão dos processos que envolvem as relações de trabalho, e nos parece ainda, que sindicato e movimentos sociais específicos nos informam que o que há, contudo, é uma divisão política do trabalho em uma dinâmica que não se esgotam as possibilidades políticas de ação seja nos Sindicatos ou outras formas organizativas, como o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. Há uma relação que se faz como parte da estrutura estatal e com as empresas; ao mesmo tempo há lutas que confrontam o Estado e empresas.

E isso se expressa por Querobina como o que se desvenda e o que ainda está por ser desvendado, por ser conhecido, e assim, um processo em consolidação e aberto, que ela nos aponta como um desafio da nova

cartografia social durante participação no Seminário Geral do PNCSA, em 2014, em Manaus: “nós começamos a descobrir um Brasil que existe que não é conhecido”. Essa visão do novo, de que há desconhecimento imprime um sentido de presente e de novidade na sua fala, que não está presa ao passado, mas se apoia em uma formação sólida de agente social, de cidadã em termos de uma cidadania crítica e construção intelectual militante que nos inspira a cada encontro, e que de forma fraterna, afetiva e determinada se junta a nós pesquisadores e assume protagonismo aonde chega, pelo que fez na história da região, mas acima de tudo por ensinar percepções e pelo que faz, e que se renova conforme os processos sociais engendrem mudanças, violências e requeiram dela uma posição.

Este livro nos apresenta acima de tudo, uma mulher de conquistas, em que a dimensão localizada ensaja um caráter universal como esperança, a partir do que presenciamos nestes tempos renovados, de desafios ao consenso que despolitiza a ação, conforme nos alerta Rancière a que reagem do ponto de vista político organizativo e de representação, movimentos organizados pelo critério de gênero, de etnia, de trabalho e outros, que se encontram no debate sobre ameaças à sua existência. E nesse sentido é que Querobina traz elementos de vivência concreta de trabalhadora rural e quebradeira de coco, de mulher, que nos instiga: “Precisamos saber demais, agora, saber detalhado aquele espaço ali em volta da empresa Suzano”. Explicita um conhecimento localizado: “Nós precisamos saber demais o que vai ser feito com o cemitério que existe naquela comunidade, que o povo não pode mais utilizar porque é dentro da área da empresa”. E nos traz esta ideia situada na percepção de que há um Brasil a ser conhecido. É acima de tudo, presente, contemporaneidade e inspiração para uma nova cartografia como narrativa, que muda velozmente em tempos fugazes que requisitam Querobinas a cada momento, a cada conflito, a cada esperança renovada na combatividade com e por uma estratégia de mudança, como conclama Querobina.

Jurandir Santos
de Novaes¹⁵

15. Professora na UFPA e no Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, na UEMA; Pesquisadora do PNCSA e Coordenação do Projeto “Cartografia Social como Estratégia de Fortalecimento do Ensino e da Pesquisa Acadêmica: Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia e Projeto Mapeamento da Região Ecológica do Babaçu”.



CADERNO DE FOTOGRAFIAS COMENTADO

Apresentamos a seguir fotografias que nos foram disponibilizadas pelo núcleo familiar de Querobina e por pesquisadores da rede do PNCSA, registrando sua passagem pelo STR de Imperatriz, pelo MIQCB e de mais movimentos sociais.



Curso sobre a Convenção 169, Imperatriz



Dona Querobina em reuniões com Valdinar Barros



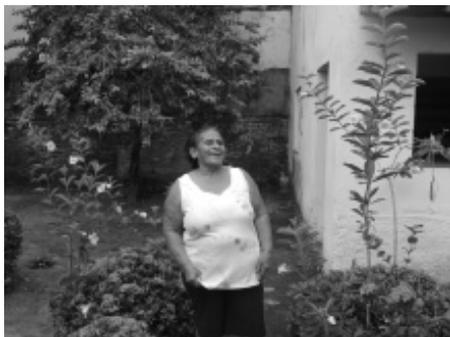
Dona Querobina em evento de trabalhadores rurais



Querobina em sua casa – Vila Conceição - 2016



Querobina no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Imperatriz



Dona Querobina na Vila Conceição



Dona Querobina no STR de Imperatriz



Em reunião do MIQCB e em apresentação de artesanato



Dona Querobina na formatura da filha



Dona Querobina com Manuel da Conceição



Dona Querobina com pesquisadores do PNCSA



Luís Preto
(in memoriam)



